



ACADEMIA MILITAR

Análise da Intervenção Russa na Crimeia

Autor: Aspirante de Cavalaria Tiago Filipe Simões Ramos

Orientador: Professor Catedrático António José Telo

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, setembro de 2019



ACADEMIA MILITAR

Análise da Intervenção Russa na Crimeia

Autor: Aspirante de Cavalaria Tiago Filipe Simões Ramos

Orientador: Professor Catedrático António José Telo

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, setembro de 2019

EPÍGRAFE

“Submeter o inimigo sem combater é a excelência suprema.”

Sun Tzu

DEDICATÓRIA

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação representa o culminar dos anos de trabalho, cujo produto não vem só do esforço individual, mas também do apoio de muitos outros, cuja menção é necessária para lhes dar o merecido mérito.

Quero começar por agradecer à Academia Militar, instituição que me acolheu, sem a qual não estaria onde estou.

Ao Curso Tenente General Bernardim Freire de Andrade, o meu curso de entrada, por todos os momentos partilhados, no “conhaque” e no “trabalho”, desde o início até ao fim da viagem. Ao curso Tenente General de Artilharia e Engenheiro Mor Luís Serrão Pimentel, por me ter acolhido a meio caminho e nunca me ter desenguiçado. Em ambos tenho amigos, sem os quais os longos anos tinham sido ainda mais longos.

Ao meu diretor de curso, o Tenente-Coronel de Cavalaria Baltazar, pela dedicação, empenho e paciência na transmissão dos ensinamentos e pela integração no espírito da arma.

Ao meu orientador, Professor Catedrático António Telo, cujos conhecimentos e orientação permitiram o desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, o pilar do meu apoio, pelas horas que me “dispensaram” para me dedicar ao curso, e a todo o auxílio incondicional que me deram ao longo dos anos. Um agradecimento especial a ti, pai, um verdadeiro exemplo de um militar de valores. Sem ti certamente não seria quem sou hoje, aspirando a ser oficial da arma na qual também serviste. *Vis et honor usque ad finem.*

Aos meus amigos de infância, André e Filipe, por todas as parvoíces que aturaram e vão continuar a aturar. São tantos anos de amizade que se torna difícil expressar um agradecimento por palavras, até porque dizer apenas que vocês foram importantes nestes anos de curso é redutor. Sempre foram, e sempre o serão. São irmãos de outras mães. O resto, vocês já sabem.

Por último, quero-te agradecer, Vanessa. Tornaste o ano mais difícil do meu curso, mais fácil de suportar, e fizeste-o da melhor forma. Obrigado por toda a paciência e compreensão ao longo destes meses, sem qualquer palavra de queixa, e pela motivação transmitida para manter o foco naquele tempo dedicado à tese. Foste incansável, e sem dúvida, o melhor que me aconteceu.

A todos vós, um muito obrigado.

RESUMO

A intervenção russa na Crimeia constituiu-se como um dos poucos exemplos de guerra entre estados no século XXI, tendo sido palco de uma manobra praticada pela Rússia com um conjunto de novidades que permitiram uma conquista militar sem uma declaração formal de guerra.

O presente trabalho encontra-se, desta forma, subordinado ao tema “Análise da Intervenção Russa na Crimeia”, com o objetivo de compreender se este conflito representa ou não um novo padrão ou modelo para os conflitos do século XXI.

A metodologia utilizada é a do método indutivo, na qual através de uma análise detalhada da intervenção russa na Crimeia, formularam-se conclusões de carácter geral relativas às novidades introduzidas pelo conflito no âmbito da atuação das forças especiais, função dos grupos civis organizados e/ou armados e importância da coordenação da manobra político/diplomática com a manobra militar. A recolha de informação deu-se com recurso à análise documental de várias fontes.

Os resultados da investigação mostraram que a manobra praticada pela Rússia não representa uma novidade quando vista como um todo, tendo sido facilitada por inúmeros fatores (afinidade do povo da Crimeia para com a Rússia e negligência das forças armadas e de segurança da Ucrânia). Não obstante, alguns elementos que a constituíam (como a aplicação sincronizada da ciberguerra, forças especiais e negação política) são indubitavelmente uma novidade, tendo permitido uma anexação rápida e praticamente impune da península.

Palavras-chave: Intervenção russa; forças especiais; ciberguerra; manobra político/diplomática

ABSTRACT

The Russian intervention in Crimea represented one of the few examples of a war between states in the 21st century, having been the stage of a maneuver carried out by Russia with a set of novelties that allowed a military conquest without a formal declaration of war.

Thus, the present work is subordinated to the topic “Analysis of the Russian Intervention in Crimea”, with the purpose of understanding if this conflict does or does not represent a new pattern or model to the 21st century conflicts.

The methodology applied is the one of the inductive method, through which a detailed analysis of the Russian intervention in Crimea between the 20th of February, 2014 and the 25th of March, 2014, general conclusions were taken, with respect to innovations introduced in this conflict regarding the performance of special forces, the role of organized/armed civil groups and the importance of the coordination between the political/diplomatic maneuver and the military maneuver. The process of information gathering was carried out through documental analysis of multiple sources.

The results of this investigation demonstrated that the Russian maneuver did not introduce anything new when seen as a whole, having been facilitated by several factors (affinity of the Crimean people towards Russia and the negligence of the Ukrainian armed forces and security services). However, some elements that made up this maneuver (such as the synchronized implementation of cyberwarfare, special forces and political denial) are undoubtedly a novelty, having allowed a quick and virtually unpunished annexation of the peninsula,

Keywords: Russian intervention; special forces; cyberwarfare; political/diplomatic maneuver

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
ÍNDICE GERAL	vii
ÍNDICE DE FIGURAS	x
INDICE DE QUADROS	xi
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS	xii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	3
Enquadramento Teórico	3
1.1. Domínios da Guerra	3
1.2. Guerra Híbrida.....	5
1.3. A Guerra Híbrida Russa.....	9
1.4. Estado da Arte	13
CAPÍTULO 2.....	15
Metodologia.....	15
CAPÍTULO 3.....	16
Enquadramento Histórico	16
3.1. Da Crimeia Russa à Crimeia Ucrâniana	16
3.2. O pós-Guerra Fria.....	18

3.2.1. A questão de Sebastopol	18
3.2.2. O Euromaidan	20
CAPÍTULO 4.....	22
FORÇAS NO TERRENO.....	22
4.1. Rússia.....	22
4.1.1. Reforma Militar Russa até 2014	22
4.1.2. SPETSNAZ	24
4.1.3. Os proxies russos na Crimeia.....	26
4.1.4. Dispositivo militar na Crimeia antes de fevereiro de 2014.....	27
4.2. Ucrânia	27
4.2.1. Estado das forças militares ucranianas antes de fevereiro de 2014.....	27
CAPÍTULO 5.....	30
A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA	30
5.1. Motivações russas	30
5.2. A operação de ocupação da Crimeia	31
REAÇÃO INTERNACIONAL À INTERVENÇÃO	38
6.1. Reações políticas e económicas.....	38
6.2. Reações militares	39
CAPÍTULO 7.....	42
ANÁLISE DE RESULTADOS.....	42
7.2.1. Surpresa	43
7.2.2. Organização e ação da força militar.....	45
7.3.3. Alvo de oportunidade.....	46
7.3.4. Guerra de informação.....	47
CONCLUSÃO.....	50
BIBLIOGRAFIA	54

ANEXO A – PRINCIPAIS OPERAÇÕES RUSSAS NA CRIMEIA ENTRE 24 DE FEVEREIRO E 9 DE MARÇO.....	II
APÊNDICE A – CRONOLOGIA DOS EVENTOS NA CRIMEIA.....	III
APÊNDICE B – DISPOSITIVO MILITAR RUSSO NA CRIMEIA.....	IX
APÊNDICE C – DISPOSITIVO MILITAR UCRÂNIANO NA CRIMEIA: BASES NAVAIS E DA GUARDA DE FRONTEIRA	X

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº1 - Relação entre as tipologias de guerra e guerra híbrida.....	6
Figura nº2 - Fases da Guerra Híbrida Russa.....	12

INDICE DE QUADROS

Quadro nº1 - Fatores facilitadores e influenciadores do sucesso russo	44
--	-----------

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – CRONOLOGIA DOS EVENTOS NA CRIMEIA.....	II
APÊNDICE B – DISPOSITIVO MILITAR RUSSO.....	IX
APÊNDICE C – DISPOSITIVO MILITAR UCRANIANOo.....	X
ANEXO A – PRINCIPAIS OPERAÇÕES RUSSAS ENTRE 24 DE FEVEREIRO DE 9 DE MARÇO.....	XI

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

NATO – *North Atlantic Treaty Organization*

ONU – Organização das Nações Unidas

UE – União Europeia

INTRODUÇÃO

O tema em estudo diz respeito a uma fase de um dos conflitos mais importantes do século XXI: A Anexação Russa da Crimeia, no âmbito da intervenção russa na Ucrânia.

Este conflito constitui um excelente caso de estudo de uma guerra entre estados, que opõe a Ucrânia e a Rússia em combates que permanecem ativos desde 2014 até aos dias de hoje, assumindo-se como um dos escassos exemplos de guerras entre estados no contemporâneo (Telo, Borges, & Lemos Pires, 2018). Aliado à tipologia do conflito em si, está a manobra praticada para atingir o estado final, que se revelou inovadora e eficaz. Neste sentido, torna-se pertinente efetuar uma análise da manobra total praticada na intervenção Russa na Crimeia.

Desde a intervenção Russa na Ucrânia, os debates acerca das potencialidades da Federação Russa intensificaram-se. Isto porque a forma como foi dirigida toda a campanha na Ucrânia, desde a manobra política à aplicação da força militar no terreno, nunca foi vista na história dos conflitos armados, para além de ser um exemplo de uma tipologia de conflitos em vias de extinção, assumindo o tema particular importância.

Facto é que as circunstâncias da intervenção apresentaram à Rússia um conjunto de vantagens que não têm igual, tais como a localização geográfica da região (a península encontra-se confinada a um espaço parcialmente isolado e próximo da Rússia), a existência de unidades políticas no seu interior favoráveis à Rússia e o acantonamento legalmente permitido de forças militares em território ucraniano (Base Naval de Sebastopol), com a possibilidade de efetuar movimentações que forneciam as condições necessárias para a implementação de uma ação clandestina (Kofman, et al., 2017). Em termos militares, assistiu-se ao empenhamento de forças treinadas e bem equipadas, em conjunto com uma ação crítica de forças especiais junto da população, que permitiu ocupar a Crimeia praticamente sem oposição (em grande parte fruto da reforma militar russa implementada em 2012) (John Hopkins Applied Physics Laboratory, 2016).

O estudo do *modus operandi* russo na Crimeia é uma necessidade que deve ser satisfeita pelo Ocidente, a fim de estabelecer uma estratégia abrangente para lidar com uma nova realidade (Oliker, McNerney, & Davis, 2015). Conseqüentemente, o tema abordará a manobra referente à intervenção russa na Crimeia, no âmbito da manobra política e militar até à anexação do território por parte da Federação Russa. Dito isto, a pergunta de partida formulada para dar resposta à investigação é: “*A manobra russa na Crimeia permite identificar um novo padrão ou modelo para o século XXI?*”

O presente Trabalho de Investigação Aplicado encontra-se dividido em sete capítulos, e aborda o conflito entre 20 de fevereiro de 2014 e 25 de março de 2014. O Capítulo 1 aborda os principais conceitos teóricos necessários ao desenvolvimento da investigação, colocando especial ênfase em toda a teoria por detrás da designada “Guerra Híbrida”. O Capítulo 2 descreve a metodologia utilizada na investigação, bem como as perguntas derivadas às quais se darão resposta a fim de se produzir um resultado para a pergunta de partida. Os Capítulos 3, 4, 5 e 6 abordam, respetivamente, um enquadramento histórico, uma análise das forças russas (militares e apoiantes) e ucranianas, a narrativa da operação militar na Crimeia e a reação internacional ao conflito. No Capítulo 7 procede-se à análise dos resultados produzidos pela investigação, apoiadas na opinião dos autores utilizados para desenvolver o trabalho. Por fim, a Conclusão visa dar resposta a todas as perguntas de derivadas e, conseqüentemente, à pergunta de partida, tecendo no final breves considerações relativas a dificuldades e limitações associadas ao desenvolvimento da investigação.

CAPÍTULO 1

Enquadramento Teórico

1.1. Domínios da Guerra

Num mundo cada vez mais complexo, onde o fenómeno da guerra acompanha toda a evolução e se torna também ele cada vez mais difícil de resumir, é necessário entender onde é que se faz a guerra no século XXI. Numa das suas frases mais célebres, o historiador inglês Lidell Hart exprime um dos maiores truísmos marciais: “O verdadeiro alvo da guerra é a mente do comandante inimigo, não os corpos das suas tropas”¹. Sendo a guerra conduzida em vários domínios, nos conflitos contemporâneos, a capacidade de compensar deficiências em certos domínios através da aplicação do esforço noutros, bem como a de alternar entre um domínio e outro são dois dos métodos mais eficazes de continuar o combate (Carafano, 2018).

Em linha com a doutrina do Exército dos Estados Unidos, existem cinco domínios (ou dimensões) da guerra, nas quais se combate isoladamente ou em conjunto: ar, terra, mar, espaço e informações (United States Army Training And Doctrine Command, 2017). Nos dias de hoje, é cada vez mais necessário ter uma abordagem holística da forma de fazer a guerra, no sentido em que se deve olhar para este fenómeno como sendo multidimensional².

No *Planner’s Guide: Cross-Domain Synergy in Joint Operations* (2016), um documento do United States Joint Staff Joint Force Development (J7), descreve a importância destes cinco domínios de forma sucinta:

Ar – As operações aéreas serão essenciais para qualquer operação de intervenção, proporcionando um acesso rápido ao teatro de operações e providenciando superioridade aérea em apoio às forças navais e terrestres.

¹ Air University. Retirado de <http://www.au.af.mil/info-ops/influence.htm#top>

² A noção de que o espaço de batalha do século XXI já não se limita ao conceito tradicional do ar, terra e mar, mas sim a uma visão de integração de todos os sistemas com recurso ao domínio da informação, na designada “guerra info-centrada”.

Terra – Através do controlo da terra, as forças militares podem forçar um adversário a retirar, dispersar, reposicionar ou colapsar. A ocupação do terreno adversário permite que as forças militares mantenham influência sobre a população nativa durante um longo período de tempo, e aumentem a possibilidade de uma solução permanente para o problema militar que se impõe.

Mar – Apesar do aumento exponencial do tráfego aéreo, cerca de 90% de todo o comércio ainda passa pelo mar. Somado a este fator, com 80% da população vive a menos de 160 quilómetros do mar, teatros de operações sem saída para o mar serão uma exceção. O aumento da capacidade das fibras óticas fará com que a maioria do tráfego no ciberespaço passe por cabos submarinos. A capacidade de ter acesso ao domínio marítimo aumenta a capacidade de uma nação interagir com outras nações. O emprego do poder naval pode também negar aos adversários esta mesma capacidade. Resumindo, o poder marítimo é o poder militar, diplomático e económico exercido através do uso do mar.

Espaço – O espaço está-se a tornar cada vez mais importante e contestado. Cerca de sessenta nações dependem de meios espaciais para um crescente número de serviços. Tecnologias antissatélite, meteorologia espacial destrutiva e danos causados por lixo espacial ameaçam de forma potencial estes mesmos meios espaciais.

Ciberespaço – Este domínio compreende todo o mundo das informações. A capacidade de operar nesta dimensão surgiu como um requisito vital para a segurança nacional. O impacto crescente da informação em operações militares aumenta ainda mais a importância do ciberespaço. Enquanto as capacidades tecnológicas e o acesso instantâneo à informação aumentam, as oportunidades para comunicar e partilhar informação em tempo real aumentam. Contudo, a dependência destas capacidades exige a proteção das redes e da informação.

Fruto da integração do ciberespaço nas dimensões da guerra, a própria noção de “campo de batalha” entra progressivamente em desuso, de tal forma que ao conjunto das cinco camadas que compõem o atual campo de batalha dá-se o nome de “espaço de batalha” (Vego, 2009).

1.2. Guerra Híbrida

A aplicação dos domínios referidos anteriormente pode ser materializada de várias formas. De facto, a arte no emprego destes tem levado a desfechos surpreendentes ao longo da história³. Para nos referirmos a este tipo de conflitos, seria tentador aplicar o termo “guerra híbrida”, pese embora ainda não exista consenso para a sua definição, até porque muitas fontes defendem que esta forma de guerra não é recente, tendo sido já aplicada no passado com bastante sucesso. No Training Circular 7-100: Hybrid Threat (2010), o Exército dos Estados Unidos apresenta como exemplo mais antigo desta forma de empregar os meios a Guerra Peninsular, na qual as forças britânicas, portuguesas e espanholas, através de uma mistura de táticas e meios convencionais e irregulares, conseguiram derrotar um exército francês quantitativamente superior e qualitativamente respeitado. Dias e Sequeira (2017) referem-se inclusive a este tipo de conflitos na sua obra *Estratégia – Fundamentos Teóricos – Tomo II* como “o velho, em muito, feito novo”, acrescentando ainda no âmbito desta temática que “há muito tempo que a guerra extravasa a componente militar”. Note-se, contudo, que no documento previamente referido a noção de “guerra híbrida” não existe, mas sim uma de “ameaça híbrida”, adiantando apenas que a guerra híbrida consiste na materialização deste tipo de ameaças no ambiente operacional. Aqui, a ameaça híbrida é definida como “a combinação diversa e dinâmica de forças regulares, irregulares e/ou elementos criminais combinados para atingir efeitos mutuamente benéficos”.

Tendo em conta a grande divergência entre conceitos, a escolha de uma definição é necessária para se proceder à análise do tema. Para tal, a que consideramos mais adequada para a investigação é aquela proposta por Nicu Popescu, no Issue Alert nº4 de janeiro de 2015 para o European Union Institute for Security Studies (2015). Esta definição diz o seguinte:

“A Guerra Híbrida abrange um leque de ações hostis onde, no lugar de uma invasão militar clássica de larga escala, um poder atacante procura enfraquecer o seu oponente com recurso a uma variedade de ações que incluem operações de informações subversivas, sabotagem, pirataria informática e o fortalecimento de grupos insurgentes por procuração. Pode também disseminar desinformação (num alvo ou em países terceiros), exercer pressão económica e ameaçar recursos energéticos.”

³ Um exemplo claro é a Guerra do Vietname (1955-1975), na qual a evidente superioridade militar dos Estados Unidos não foi suficiente para alcançar uma vitória decisiva sobre o Vietname do Norte, que recorreu à utilização de forças convencionais e não-convencionais para combater os norte-americanos.

A utilização de todo o espectro de atividades para fazer a guerra parece, à primeira vista, uma afirmação óbvia, no sentido em que os vários atores em conflito tudo farão para fazer valer a sua posição e derrotar o adversário. Contudo, estão identificadas distinções na forma de utilização dos meios, com a componente irregular a surgir como aspeto central da ação (e não como complemento ao vetor convencional) e no objetivo a atingir, de forma a levar a cabo as agressões, sem atingir o patamar da guerra convencional⁴, criando a ambiguidade e falta de clareza nas ações, reduzindo assim a capacidade de reação das forças armadas (Rodrigues, 2016). No seu artigo para a Revista de Ciências Militares, Fernandes (2016) também refere que esta ameaça utiliza quase de forma exclusiva as táticas irregulares em apoio a opções convencionais, contrariamente ao que acontecia em conflitos passados. Quanto à materialização das ameaças produzidas, estas resultam de uma combinação de esforços convencionais e irregulares, aplicados no mesmo domínio de forma cirúrgica, com o intuito de alcançar objetivos políticos (Hoffman, 2007). O esquema representado abaixo expõe a forma como os diferentes vetores se relacionam dentro das formas de guerra que constituem a guerra híbrida.

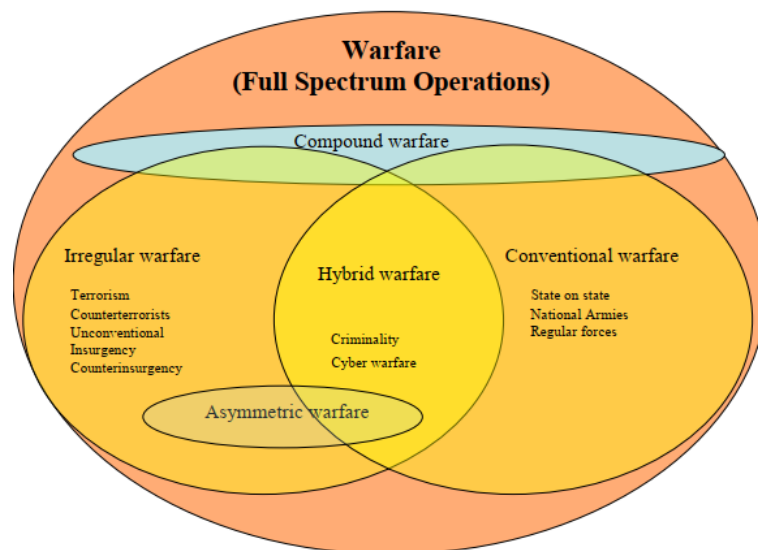


Figura n.º1 – Relação entre as tipologias de guerra e a guerra híbrida

Fonte – Huovinen, 2011

Como se pode observar, esta mentalidade híbrida consiste numa abordagem que engloba praticamente todas as formas de agressão existentes na guerra convencional e

⁴ Um dos desafios encontrados no conflito da Crimeia reside precisamente no facto da atuação tática Russa se encontrar abaixo do patamar de atuação do Artigo 5º da NATO (defesa coletiva), exigindo assim uma revisão do conceito de agressão neste âmbito (Drent, Van Ham, & Homan, 2014)

irregular, num espetro que abrange o combate simétrico e assimétrico⁵. Esta combinação visa não só atingir o instrumento militar (as forças armadas), como também todas as outras fontes de poder do adversário⁶, saturando o ambiente operacional e forçando o adversário a reagir em múltiplas frentes (criando assim uma resposta desorganizada e pouco eficaz), com o fim último de o paralisar (United States Army, 2010). Embora as ameaças possuam uma natureza distinta, não podemos afirmar, à luz desta abordagem, que se está a combater um maior número de desafios distintos, mas antes o produto da sua sinergia, de onde resulta a designação de “híbrida” (Fernandes, 2016).

Quanto à caracterização da ameaça híbrida, estão identificadas quatro características nos grupos ou indivíduos que desenvolvem este tipo de ações:

- Oportunidades de colaboração num ambiente globalizado, onde a comunicação se tornou acessível, dando espaço a alianças entre potenciais adversários para comunicarem e trabalharem de formas imprevisíveis;
- Uso frequente da desinformação nos media com fins estratégicos, explorando a onnipresença do ciclo da informação e acesso quase instantâneo à mesma, criando efeitos que transitam entre domínios de forma célere;
- Utilização diversa de meios e métodos, com a combinação de fusões letais e não-letais de armamento convencional, material nuclear, biológico, químico e radiológico (NBQR), terrorismo, espionagem, ciberataques e criminalidade, apoiados por operações de informação projetadas de forma maliciosa em conjunto com organizações legítimas;
- Explorar as leis e regras dos Estados e na NATO, a fim de procurar lacunas nas mesmas e justificar as suas ações com interpretações extensivas, permitindo-os agir de forma a que não acionem mecanismos internacionais contra si (NATO, 2010).

A aplicação destas valências em operações implica uma redução na distância entre a componente tática e estratégica, num ambiente onde a informação assume uma importância crítica (United States Army Special Operations Command [USSOCOM], 2016). Neste tipo de ambientes, curiosamente, a informação não possui uma natureza estritamente militar. O

⁵ Combate assimétrico diz respeito a uma situação alternativa onde a parte mais fraca em confronto tenta contrariar a parte mais forte, utilizando os seus pontos fortes para atacar os pontos fracos do adversário, recorrendo a táticas baseadas na surpresa e imprevisibilidade (Huovinen, 2011).

⁶ Referimo-nos pois às divisões da estratégia quanto às suas formas de coação que, sem contar com o elemento militar, contam com a coação política, económica, psicológica e informática-eletrónica (Mendes Dias & Dias Sequeira, 2015).

conteúdo da informação apoia-se, em grande parte, nas relações civis-militares, bem como na tecnologia utilizada para a difundir (Iasiello, 2017). Pretende-se, pois, confrontar o inimigo com o máximo número de meios e recursos possível, sem limitar a ação à componente militar. Da Figura 1 podemos, portanto, concluir que em termos genéricos, a guerra híbrida consiste numa combinação de todos os vetores de agressão possíveis, tendo sido identificadas como exclusivas deste tipo de guerra a ciberguerra e a criminalidade.

A ciberguerra⁷ envolve ações levadas a cabo por um estado ou uma organização internacional, cujo propósito é danificar redes informáticas ou de computadores com recurso a, por exemplo, vírus ou um ataque de negação de serviço. Inserida num contexto híbrido, assume um papel essencial, aplicado aqui como ferramenta de inibição e recolha de informação. A utilização do ciberespaço para propaganda e desinformação, o recrutamento de extremistas e criminosos e o comando e controlo de operações surgem como alguns dos pontos fortes desta modalidade de ação, que podem ser aplicados isoladamente ou a fim de complementarem e potenciarem os efeitos de empenhamentos convencionais (Ducaru, 2016). Enquadrado em ações político-militares, a ciberguerra constitui-se como um vetor de agressão perfeito, na medida em que é difícil chegar-se ao responsável pela execução de um ataque deste tipo, atingindo-se a chamada “negação plausível⁸” no plano político (Limnéll, 2015). Ainda segundo Limnéll (2015), as atividades no domínio do ciberespaço podem ser classificadas em três entidades distintas: ciberataques (bloqueio de páginas governamentais e dos media na Internet, destabilização de redes de comunicações e sistemas eletrónicos militares e ataque a estruturas bancárias), ciber-espionagem (roubo de informação confidencial de páginas oficiais na Internet) e guerra de informação (desinformação e propaganda). Apresenta-se, portanto, como a principal ferramenta na guerra de informação.

A criminalidade representa a componente disruptiva da guerra híbrida, no sentido em que esta é aplicada para sustentar a força híbrida em operações e facilitar a desordem e perturbações na nação alvo, com recurso à prática de comportamentos que violem a lei local (Hoffman, 2007). O seu emprego pode, contudo, não se resumir à criação do caos dentro das zonas de ação militar. Durante a ocupação da Crimeia, as ações de grupos criminosos foram integradas com as de forças especiais e elementos dos serviços de informações, tudo sobre o controlo de autoridades militares russas, contrastando assim com a ideia de que estas

⁷ RAND Corporation. Retirado de <https://www.rand.org/topics/cyber-warfare.html>.

⁸ O conceito de “negação plausível” foi criado pela CIA (Central Intelligence Agency) e surgiu nos relatórios elaborados pelo Comité Church, em 1975, relativamente à negação dos atos resultantes de operações clandestinas efetuadas pelos Estados Unidos (United States Senate, 1975).

apenas servem para criar a desordem (Kilinskas, 2016). A atividade criminosa desenvolvida com motivações políticas cai no âmbito do terrorismo, também identificado como sendo parte da guerra híbrida. Segundo Lemos Pires (2016), terrorismo é o “uso sistemático de ações violentas ou sua ameaça, para provocar o terror contra as entidades, instituições, comunidades ou governos com objetivos políticos, realizado por grupos ou organizações, agindo na clandestinidade”. Embora a criminalidade seja fonte de discórdia entre autores, como constatado acima, é notório que esta está presente na mistura de meios aplicados para atingir os fins da guerra híbrida. É plausível concluir que, nestes conflitos, um dos maiores desafios é traçar a linha entre combatentes e não combatentes, no sentido em que existe um alargamento do espaço de batalha a todos os setores da sociedade, não se cingindo a utilização de forças do tipo convencional aos Estados e o emprego de forças irregulares aos atores não estatais (Rodrigues, 2016). Esta nova realidade complica o panorama de defesa contra ameaças híbridas, pois uma resposta a estas ameaças exige também ela uma combinação de forças que não é possível conceber-se sobre uma conceção clássica do combate (Fernandes, 2016).

Em suma, é importante mencionar que, através das definições apresentadas, é fácil confundir o fenómeno da guerra híbrida com a guerra irregular. Contudo, a grande distinção está na presença simultânea da aplicação da componente regular e irregular (que rejeita a distinção entre combatentes e não combatentes). A guerra híbrida evoluiu, portanto, no sentido de alcançar objetivos políticos e militares limitados, reduzindo-se o nível de emprego convencional da força militar ao domínio da informação, à decepção e ao esforço em múltiplos domínios (Fox, 2017). No nível político e estratégico, o conceito baseia-se na porosidade entre a guerra convencional e irregular; no nível operacional, compreende uma mistura de concentração e dispersão; taticamente, as capacidades convencionais mais reforçadas são quando associadas a táticas irregulares, numa mistura que se constitui como um desafio compreender todas as suas facetas (Tenenbaum, 2015).

1.3. A Guerra Híbrida Russa

A Rússia é reconhecida como tendo capacidades formidáveis no âmbito da guerra da informação (Iasiello, 2017), com experiência efetiva nos conflitos da Geórgia (em 2008) e da Ucrânia (em 2014). Na realidade, esta apresenta-se como um dos elementos fundamentais

da doutrina russa. Para estes, a guerra híbrida representa uma fusão da dimensão militar da guerra não-cinética (sem recurso ao combate físico), com coação económica, subversão política e o emprego manipulador da informação a fim de enfraquecer e desmoralizar um adversário, criando condições para um caos controlado, tendo em vista o derrube de um regime constitucionalmente estabelecido, com recurso a revoluções coloridas⁹ (Ruiz Palmer, 2015). Referindo-se às experiências na Primavera Árabe, o general russo Valery Gerasimov descreveu esta forma de guerra como a “guerra de nova geração”, que concentra o emprego combinado de meios políticos, diplomáticos, económicos e outros não-militares, com o uso direto da força militar, ao invés de travar uma guerra declarada, realçando a importância dos meios não-militares em alcançar metas políticas e estratégicas (Rácz, 2015). Esta descrição está alinhada com todos os pontos daquilo que foi apresentado como sendo o fenómeno da guerra híbrida, privilegiando-se a utilização de meios não-cinéticos. Rácz (2015) adianta ainda que Gerasimov prevê a utilização de meios dissimulados, o emprego não declarado da força (como unidades paramilitares e civis) e enfatiza a necessidade de empregar meios assimétricos e irregulares, não descuidando o uso intensivo da informação e de forças especiais. Esta opinião está intimamente ligada a um pensamento militar russo no que toca aos meios de engano, denominado Maskirovka (em português “disfarce”).

Alexander Suvorov, um líder militar russo do século XVIII disse, em referência à importância da arte do engano na guerra, que “surpreender é conquistar”. Nenhuma frase poderia refletir melhor a visão russa neste âmbito. A Maskirovka não é nova, estando presente na doutrina militar russa desde a primeira metade do século XX e representando o principal meio para alcançar a surpresa, apontada como o principal fator para o sucesso numa operação ofensiva (Garthoff, 1953). Esta ferramenta de ilusão assume um papel fundamental na guerra híbrida, essencialmente porque é aplicada aos vários níveis dos escalões militares. A nível estratégico, inclui ações que se focam em manter o secretismo nas preparações para operações e campanhas estratégicas, e também na desorientação do inimigo face às verdadeiras medidas e ações das forças armadas; a nível operacional, é conduzida por exércitos, direcionada para assegurar o secretismo em operações; a nível tático desenvolve-se nos escalões inferiores a divisão, e é orientada para ocultar a preparação para o combate ou a presença de objetivos (Krueger, 1987). Ocultar as ações representa, portanto, uma

⁹ O termo “revolução colorida” é hoje utilizado pelos russos para se referirem à crise na Ucrânia, que estes viram como uma nova abordagem da guerra por parte dos Estados Unidos e da Europa que se foca na criação de revoluções desestabilizadoras noutros estados, como um meio para servirem os seus interesses a nível de segurança, com o mínimo de baixas possível (Cordesman, 2014).

componente crítica na atuação russa, que orchestra diferentes ações com o intuito de alcançar a surpresa, criando ambiguidade e dificultando a reação por parte das organizações internacionais que operam no princípio do consenso (Reisinger & Golts, 2015).

Desta forma, à primeira vista, o modelo russo empregue neste tipo de conflitos em nada difere de outros aplicados no passado. Contudo, Ruiz Palmer (2015) afirma que o que mais distingue a guerra híbrida russa de todas as outras vistas na história é a sua escala, dando à Rússia a capacidade estratégica de conjugar instrumentos de “hard power” e “soft power”¹⁰ a fim de isolar e coagir vizinhos mais fracos, intimidando e dissuadindo simultaneamente adversários mais distantes e também mais capazes.

Quanto aos fins, Chivvis (2017) refere que a guerra híbrida russa possui pelo menos três objetivos: capturar território sem recorrer ao emprego explícito ou convencional da força militar; criar um pretexto para recorrer ao emprego convencional da força militar e utilizar medidas híbridas para influenciar as políticas dos países no Ocidente e noutros territórios. Adianta ainda que, para alcançar estes objetivos, a Rússia recorre às operações de informações, ciberguerra, atores por procuração, influência económica, medidas clandestinas e influência política de forma combinada e sincronizada. A condução de uma operação que abranja este leque de meios aplicados em diferentes domínios, destinados a atingir os objetivos acima referidos exige, contudo, um planeamento pormenorizado das ações a executar. Aqui surge a dificuldade em compreender toda a extensão desta tipologia de operações, com incidência na falta de informação quanto à condução das operações no âmbito da guerra híbrida, não só devido à utilização extensiva da desinformação e propaganda, como da existência de uma elevada incerteza tática relativa ao que realmente se passa no terreno, criada propositadamente pela Rússia a fim de criar um ponto de esforço ambíguo nas suas operações, assegurando um fator de fricção mínimo (Otaiku, 2018).

Para melhor compreender ao fenómeno da guerra híbrida do ponto de vista russo, Rác (2015) faz uma análise intensiva dos procedimentos russos na Crimeia e no Leste da Ucrânia, e constrói um modelo que divide a guerra híbrida russa em três fases: Preparação, Ataque e Estabilização. A figura seguinte ilustra a relação entre estas três fases, bem como os estágios pelos quais estas passam até estarem completas e transitarem para a fase seguinte.

¹⁰ “Hard Power”, no âmbito das Relações Internacionais, consiste na capacidade de coagir um ator a agir de uma forma que não agiria normalmente, enquanto que o “Soft Power” assenta na capacidade de persuadir um outro ator (ou atores) a fazer algo que não faria de outra forma. Retirado de <https://www.differencebetween.com/difference-between-hard-power-and-vs-soft-power/>

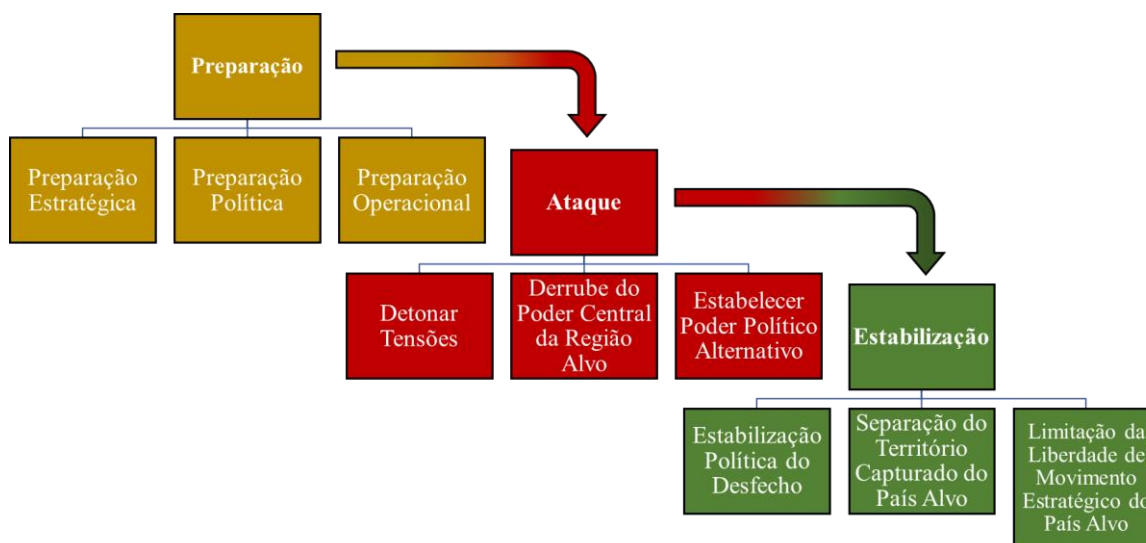


Figura n.º2 – Fases da Guerra Híbrida Russa

Fonte – Adaptado de Rácz, 2015

A primeira fase pode ser facilmente caracterizada por uma frase proferida por Stanislav Levchenko, um antigo oficial do KGB¹¹ que desertou para os Estados Unidos em 1979: “Procura onde estão as tuas vulnerabilidades, e aí encontrarás o KGB”. De acordo com o autor, a Preparação consiste no levantamento de todas as vulnerabilidades e fraquezas, com recurso a várias atividades que incluem a implementação de organizações políticas e culturais leais à Rússia; aquisição de influência económica; construção de posturas rígidas nos media, e consolidação de movimentos separatistas e outros sentimentos anti governo na região alvo. Adianta ainda que nesta fase o recurso à violência é nulo, de forma a que as medidas tomadas não despoletem uma reação séria e ativa, de forma a criar a sensação de dúvida e medo.

A segunda fase é a fase de ataque, materializando todas as medidas práticas tomadas pela Rússia numa guerra híbrida. Em linha com o modelo acima indicado, o autor constata que a violência armada e organizada começa neste momento. Atacam-se os alvos políticos

¹¹ *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti*. Em português, Comité para a Segurança do Estado.

em primeiro lugar, de forma a paralisar os escalões de decisão mais elevados no local, capturando-se simultaneamente infraestruturas dos media a fim de começar a transmitir propaganda favorável ao atacante. É ainda referida a intensidade das operações de informações, cujo foco são as forças armadas e forças de segurança, efetuada através de ataques à cadeia de comando através de disrupção eletrónica, sabotagem ou corrupção. Dado que a maioria dos ataques é feito recorrendo a meios não militares (no sentido em que não participam nos ataques forças militares convencionais), Rácz refere que a estratégia de negação é empregue a fim de manter o conflito abaixo do patamar de atuação do artigo 5º da NATO, apesar de existirem forças militares regulares a tomar parte em fases críticas do conflito.

A última fase é descrita como sendo a de Estabilização, com vista a consolidar os ganhos e legitimar as ações, estabilizando o território a nível político através da separação do mesmo do seu governo original.

Em suma, o emprego híbrido da força do ponto de vista russo pode ser resumido às ideias de Gerasimov, no sentido de que as regras da guerra mudaram ao ponto da utilização dos métodos não militares, em certos casos, é mais eficaz do que o uso da força militar convencional no que concerne ao cumprimento de metas políticas e estratégicas (Reisinger & Golts, 2015). O recurso a métodos mistos não é novo, mas a extensão das operações de informações, a alavancagem de instrumentos económicos para influenciar governos estrangeiros e a utilização do ciberespaço definem uma nova abordagem da guerra híbrida que torna este tipo de conflito tão típico da Rússia (Chivvis, 2017).

1.4. Estado da Arte

Os temas abordados no enquadramento previamente referido constituem motivo para um enorme debate, desde logo pela divergência quanto a alguns conceitos apontados. Desta forma, existem documentos de referência relativos a estas temáticas. O NATO's Response to Hybrid Threats, da autoria da NATO Defense College; o Russia's Hybrid War in Ukraine de András Rácz e o Training Circular 7-100 Hybrid Threat do Exército dos Estados Unidos constituem excelentes fontes para compreender o fenómeno da ameaça e guerra híbridas. Quanto ao conflito na Crimeia, destaca-se o "Little Green Men": A Primer On Modern Russian Unconventional Warfare, Ukraine 2013-2014, do United States Special Operations

Command; o relatório elaborado pela RAND Corporation denominado Lessons from Russia's Operations in Crimea and Eastern Ukraine e o livro Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine, editado por Colby Howard e Ruslan Phukov.

CAPÍTULO 2

Metodologia

A presente investigação tem por base uma análise histórica da anexação russa da Crimeia, procurando obter respostas que consigam explicar acontecimentos atuais com recurso à reconstrução de eventos passados, e daí retirar conclusões teóricas. Para tal, seguiu-se uma abordagem qualitativa, através da observação e interpretação do objeto de estudo tal como ele se apresenta (Fortin, 2003, p. 22), permitindo estudar a intervenção na Crimeia de forma plena, através de uma análise dos eventos e intervenientes.

Quanto ao método de investigação optou-se pelo método indutivo, sendo quele que foi considerado o mais adequado para desenvolver as respostas ao estudo. Segundo Freixo (2009, pp. 95-96), este método “defende que na investigação se deve começar por uma observação que, no final de um processo, se possa elaborar uma teoria”. Por outras palavras, pretende-se partir do estudo de uma situação particular, a fim de se obter respostas a uma temática de carácter geral. Para tal, desenvolveram-se três perguntas derivadas que concorrem para a resposta da pergunta de partida:

PD1: “*Que novidades encontramos no uso das forças especiais?*”

PD2: “*Qual a função dos grupos civis organizados e/ou armados no terreno?*”

PD3: “*Que novidades encontramos na relação entre a manobra político/diplomática e a militar?*”

A investigação desenvolveu-se com recurso à análise documental de fontes consideradas primárias, devido à sua credibilidade, nomeadamente relatórios elaborados pela NATO, RAND Corporation e instituições governamentais de vários países. Como complemento, utilizaram-se várias obras, artigos e notícias relativos à temática em estudo.

CAPÍTULO 3

Enquadramento Histórico

3.1. Da Crimeia Russa à Crimeia Ucraniana

O conflito pela posse da Província da Crimeia entre a Rússia e a Ucrânia tem raízes na era da União Soviética. Em outubro de 1921, a província tornou-se na República Socialista Soviética Autónoma da Crimeia, com numerosos grupos étnicos a popular a região, sem nenhum refletir a maioria (Katchanovski, 2015). Contudo, entre 1932 e 1933, fruto das políticas brutais de Stalin, uma catástrofe humanitária sem precedentes afetou a União Soviética, com especial ênfase na Ucrânia. Dos estimados seis a oito milhões de mortos na chamada Grande Fome, quatro a cinco milhões eram ucranianos¹². Este fenómeno resultou numa diminuição drástica da população ucraniana na Crimeia. Os números em 1939 comprovam precisamente esta afirmação. A região tinha 1,13 milhões de habitantes, dos quais 49,6% eram russos, 19,4% eram Tártaros, e apenas 13,7% eram ucranianos, com o restante a pertencer a pequenos grupos étnicos (Kashin, Denisentsev, Lavrov, Nikolsky, Barabanov, Boltenev & Tseluyko, 2014).

Com o término da Segunda Guerra Mundial, a República Socialista Soviética da Ucrânia encontrava-se devastada, fruto das campanhas militares soviéticas e alemãs na região durante o conflito acima referido. De facto, em 1941, Estaline aplicou a “política da terra queimada¹³”, durante a retirada do Exército Vermelho contra as forças armadas da Alemanha Nazi. Dois anos depois, em 1943, Hitler ordenou a criação de uma “zona de destruição”, também ela para cobrir a retirada das forças alemãs (Magocsi, 1996). Somado a estes fatores, os Tártaros que habitavam a Crimeia foram também deportados em 1944,

¹² Encyclopedia Britannica. Retirado de <https://www.britannica.com/place/Ukraine/The-famine-of-1932-33>

¹³ Em tempo de guerra, a “política da terra queimada” consiste em destruir todos os recursos de uma determinada área tais como comida, infraestruturas ou equipamento a fim de os inutilizar na eventualidade destes serem capturados pelo inimigo (Merriam-Webster Online Dictionary, s.d.)

após a expulsão das forças alemãs da região, acusados de terem colaborado com o regime nazi (Kashin, et al., 2014).

Esta catástrofe, no entanto, resultou também numa expansão territorial ucraniana. Mesmo durante a era soviética, a Ucrânia gozava de um estatuto especial, sendo inclusive um dos três estados que representava a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na Organização das Nações Unidas (ONU), aquando a formação desta última, em 1945¹⁴.

Em 1953, com a morte de Josef Stalin, iniciam-se períodos de contestação às políticas do falecido ditador. Como gesto de amizade do povo russo para com o povo ucraniano, Nikita Khrushchev, na altura Secretário Geral do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, transfere em 1954, a Província da Crimeia para a Ucrânia, a fim de marcar o aniversário do domínio russo sobre a última num decreto emanado pelo Presidium do Soviete Supremo:

“Decreto do Presidium do Soviete Supremo da URSS a transferir a Província da Crimeia da República Russa para a República da Ucrânia, tendo em consideração o carácter integral da economia, proximidade territorial e os estreitos laços económicos entre a Província da Crimeia e a República da Ucrânia, e a aprovação da apresentação conjunta pelo Presidium do Soviete Supremo da República Russa e o Presidium do Soviete Supremo da República da Ucrânia relativamente à transferência da Província da Crimeia da República Russa para a República da Ucrânia”” (Pravda, 1954 cit in Calamur, 2014).

A decisão de passar a Crimeia para a Ucrânia deveu-se, na realidade, essencialmente a motivos económicos, tendo tido uma receção maioritariamente negativa junto do povo russo, embora as elites a tenham aceite com alguma tranquilidade (Kashin, et al., 2014). Uma exceção a esta transição foi a base naval de Sebastopol, que continuou a ser utilizada como porto para a Frota do Mar Negro da Marinha Soviética, cujo estatuto nunca foi efetivamente esclarecido. Seguidamente neste capítulo, iremos explicar de que forma se justifica que este porto, legalmente, era parte integrante do território ucraniano.

¹⁴ United Nations. Retirado de <http://www.un.org/depts/dhl/unms/founders.shtml>

3.2. O pós-Guerra Fria

Em 1991, depois da autoridade do governo central da União Soviética ter sido erodida por uma onda de nacionalismo, a Ucrânia torna-se independente no mês de dezembro, consolidada pelos Acordos de Belavezha¹⁵, no dia 8 desse mesmo mês (New Standard Encyclopedia, 1997). A dissolução da União Soviética nem por isso trouxe serenidade à região da Crimeia. Em maio de 1992, o Conselho Supremo da Crimeia adota o Ato de Independência da República da Crimeia, fundando assim um Estado soberano, pese embora os seus poderes tenham sido drasticamente reduzidos pelo Parlamento Ucrainiano em junho de 1992. A Constituição da República da Crimeia foi oficialmente abolida a 17 de março de 1995, terminando o sonho independentista da Crimeia (Kashin, et al., 2014).

3.2.1. A questão de Sebastopol

A base naval de Sebastopol constitui a casa-mãe da Frota do Mar Negro, parte integrante do dispositivo do Distrito Militar Sul das Forças Armadas da Rússia (Harris & Kagan, 2018). A sua relevância para a Rússia e para a Ucrânia variou ao longo dos anos. Aquando a transição da Rússia para a Ucrânia em 1994, o estatuto da base nunca foi totalmente esclarecido. O primeiro passo para clarificar a situação foi dado a 3 de Agosto de 1992, quando a Rússia e a Ucrânia assinaram um acordo para designar (embora de forma provisória) a Frota do Mar Negro sobre um comando naval conjunto russo e ucraniano (Kashin, et al., 2014). Assinado em Yalta, este acordo definia que a frota iria ter um comando rotativo durante um período de três anos. Contudo, a Rússia exigiu que a frota fosse classificada como uma força nuclear, o que lhe permitiu ter controlo completo sobre os meios militares (Felgenhauer, 1999).

Os militares russos e ucranianos envolviam-se em confrontos quase diários, de tal forma que em 1994 a base passou formalmente para mãos russas, dado que os ucranianos tinham pagamentos em atraso dos custos de manutenção da frota conjunta, num acordo

¹⁵ Os Acordos de Belavezha libertaram os estados soviéticos do poder central de Moscovo. Em concordância com os mesmos, essas repúblicas cessavam a sua existência como entidades do Direito Internacional e de realidade geopolítica (Gorbachev, 2000).

que forçou estes últimos a dividir a frota a metade com os russos, cedendo ainda 80% da sua metade a fim de saldarem a dívida (Felgenhauer, 1999).

A 5 de Dezembro desse mesmo ano, é assinado o Memorando de Budapeste que garante à Ucrânia uma proteção de agressões russas ao abrigo do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares¹⁶, ao qual a Ucrânia aderiu na data previamente referida. No ponto 1 do Memorando, pode ler-se:

“A Federação Russa, o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte e os Estados Unidos da América reafirmam o seu compromisso para com a Ucrânia, em concordância com os princípios da Ata Final da Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa, para respeitar a independência e soberania e as fronteiras existentes da Ucrânia”

Este documento selou o compromisso russo de respeitar as fronteiras ucranianas, e isto incluía a Base Naval de Sebastopol. O acordo reforçava a posição da Ucrânia na sua afirmação de que Sebastopol era território ucraniano. É, no entanto, a 28 de maio de 1997 que a Rússia e a Ucrânia assinam o Tratado da Partição Sobre o Estatuto e as Condições da Frota do Mar Negro. O documento impunha que as principais instalações da base fossem utilizadas pelos russos, nomeadamente baías e pistas de aviação, mediante um pagamento pré-estabelecido da Rússia para a Ucrânia (Kashin, et al., 2014). Estava assim completa a transferência dos meios e recursos da base naval entre os dois países, pese embora a constitucionalidade do tratado, do ponto de vista ucraniano, seja duvidosa¹⁷. O acordo tinha uma validade de 20 anos, com o prazo a expirar em 2017. Dois dias depois, a 30 de maio de 1997, é assinado o Tratado de Amizade, Cooperação e Parceria entre a Ucrânia e a Rússia, que elimina todas as pretensões russas ao território ucraniano. Recentemente, o Presidente ucraniano Petro Poroshenko anunciou o término do tratado, que iria prorrogar automaticamente após os 10 anos de assinatura¹⁸.

O passo mais recente relativo à Crimeia deu-se a 21 de abril de 2010, com a assinatura dos Acordos de Kharkov. A fim de manter a aproximação de laços comerciais com a Rússia, Viktor Yanukovich (Presidente da Ucrânia na data da assinatura dos

¹⁶ Assinado pela primeira vez em 1968, este tratado (ainda em vigor) tem como objetivo prevenir a proliferação de armamento nuclear com o fim último de promover o desarmamento nuclear definitivo de todos os estados, através da redução gradual, parcial ou total de armamento nuclear. Retirado de <https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/npt/>.

¹⁷ Nos termos do Artigo 17^a da Constituição da Ucrânia, “o estabelecimento de bases militares estrangeiras em território da Ucrânia não será permitido.

¹⁸ Observador. Retirado de <https://observador.pt/2018/09/17/ucrania-anuncia-fim-do-tratado-de-amizade-com-a-russia/>

acordos) estende o arrendamento da Base Naval de Sebastopol de 2017 até 2042, em troca da extinção de taxas de exportação de gás natural para a Ucrânia (Sharples & Judge, 2014). Este acordo previa também a continuação do pagamento anual do equivalente a 100 milhões de dólares americanos anuais pelo arrendamento, e a construção de uma ponte que ligaria a Crimeia à Rússia pelo Estreito de Kerch (Kashin, et al., 2014), atualmente construída e operacional.

3.2.2. O Euromaidan

As aspirações ucranianas de se aproximarem ao Ocidente estavam bem plasmadas num Acordo de Associação¹⁹, assinado em 2014 com o objetivo de preparar um enquadramento legal que permitisse uma futura entrada na União Europeia (UE) (Poshedin & Chulaievskia, 2017). Não obstante, as negociações nem sempre tiveram alinhadas nesse sentido. Em novembro de 2013 o governo de Yanukovich cedeu à pressão russa e rejeitou a aproximação à UE em prol de uma reaproximação à Rússia, num golpe que resultou em elevada contestação por parte a oposição política e das manifestações pró-europeias que ocorriam na Praça da Independência de Kiev²⁰. Os protestos eram inicialmente pacíficos, com o novo movimento pró-ocidental a denominar-se Euromaidan (Praça Europeia), tendo-se espalhado para várias cidades na Ucrânia.

Na tentativa de acalmar a oposição, Yanukovich e Putin assinaram um tratado²¹ com diversas medidas que permitiam aliviar a Ucrânia da crise financeira que a afetava. Também este acordo foi recebido de forma negativa pelos protestantes, que tentaram impedir a sua ratificação. A reaproximação à Rússia não era bem vista, com os protestos a aumentar de intensidade. A 24 de novembro, os protestantes envolvem-se em confrontos com a polícia, cujo escalar da violência despoletou o empenhamento da unidade especial da polícia Ucraniana²² com o objetivo de dispersar os manifestantes (Kashin, et al., 2014).

¹⁹ Um Acordo de Associação, na União Europeia, permite estabelecer acordos bilaterais entre países fora da União Europeia e a própria União Europeia, normalmente com o propósito de criar condições para uma liberalização progressiva do mercado. Em certos casos, pode providenciar os alicerces para permitir a entrada na União Europeia (European Union External Action, 2011).

²⁰ BBC News. Retirado de <https://www.bbc.com/news/world-europe-25162563>.

²¹ O Plano de Ação Russo-Ucraniano permitia à Ucrânia adquirir gás natural a um terço do preço normal e providenciava 15 bilhões de dólares em títulos de dívida (Walker, 2013).

²² A Berkut, unidade especial da polícia Ucraniana, é descendente da OMON (a sua homóloga russa), inicialmente criada para combater o crime organizado. Mais tarde, foi reestruturada para servir como corpo de intervenção. Era regularmente destacada para policiar grandes eventos. Esta unidade esteve, ao longo dos anos, associada a vários episódios de violência política e brutalidade policial (Marat, 2014).

Na noite de 30 de novembro, esta unidade reocupou a praça central de Kiev com recurso à força, dando início a uma série de episódios violentos. O emprego dos Berkut era um sinal claro de que a situação em Kiev estava a atingir um patamar crítico. Nos dias seguintes, já no mês de dezembro, os protestantes voltaram a ocupar a praça. A 11 de dezembro, a Berkut iniciou um novo assalto para desalojar os manifestantes de forma permanente (Walker, 2013). Esta investida violenta não teve sucesso, e as sucessivas tentativas de eliminar a resistência popular levaram o governo, a 16 de janeiro, a passar leis anti protesto referidas pela oposição como “As Leis da Ditadura” (John Hopkins Applied Physics Laboratory, 2016). Esta medida veio a agravar a situação, de tal forma que 10 dias depois, o primeiro-ministro Ucrainiano Nikolai Azarov anuncia a sua demissão.

Fevereiro foi marcado com mais protestos e foi neste mês que as hostilidades se iniciaram. No dia 18 os protestantes iniciaram uma marcha pacífica para a praça central, sendo que, ao final da manhã, a Berkut iniciou um assalto às posições ocupadas pelos manifestantes, e os confrontos estenderam-se durante todo o dia, tendo como consequência a autorização do uso da força no dia 20. No final, cerca de 90 pessoas tinham morrido, sendo que 50 morreram no dia 20, cerca de 28 nos dias 18 e 19 e 17 polícias morreram nos confrontos ao entre 18 e 20 de fevereiro²³. Relatos da utilização de snipers por parte da unidade especial Berkut também marcaram os protestos²⁴.

A 21 de fevereiro, assina-se um acordo entre o governo e a oposição (com a mediação da UE) que obriga ao regresso à Constituição de 2004, uma investigação aos acontecimentos durante o Euromaidan (nomeadamente às mortes de civis por parte de forças policiais, alegadamente autorizadas pelo governo) e eleições antecipadas antes de dezembro de 2014 (Kashin, et al., 2014). Sobre pressão internacional e interna para abandonar o cargo, Yanukovich abandona a Ucrânia e foge para a Rússia, juntamente com alguns elementos do seu partido, apoiado por Vladimir Putin (Kofman, Migacheva, Nichiporuk, Radin, Tkacheva & Oberholtzer, 2017).

²³ BBC News. Retirado de <https://www.bbc.com/news/world-europe-26866069>

²⁴ Euronews. Retirado de <https://www.euronews.com/2014/02/20/sniper-fire-brings-disturbing-new-dimension-to-ukraine-violence>

CAPÍTULO 4

FORÇAS NO TERRENO

4.1. Rússia

A Rússia, como potência militar, constitui-se como o país da Europa que mais investe na defesa e detentora do maior arsenal nuclear do mundo (Kristensen & Norris, 2018). Este capítulo pretende descrever as reformas militares que permitiram a transição para umas forças armadas modernas e capazes defender os interesses russos fora do seu território e a composição das forças especiais russas e grupos paramilitares que atuaram na Crimeia.

4.1.1. Reforma Militar Russa até 2014

A prestação pobre dos militares russos na Guerra Russo-Georgiana (em 2008) expôs algumas das muitas debilidades de umas forças armadas que se encontravam mal equipadas, mal apoiadas e mal preparadas, juntamente com um fraco desempenho do comando e controlo e das informações (Barabanov, 2014). De acordo com o Russia Military Power (2017), um relatório elaborado pela Defense Intelligence Agency do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, os ataques aéreos e de artilharia falhavam constantemente os alvos, várias aeronaves foram abatidas pelos sistemas de defesa antiaéreos georgianos e um comandante russo teve inclusive de recorrer ao seu telemóvel pessoal para contactar o escalão superior no decorrer de uma batalha. Kosnik (2016) adianta que entre 1992 e 2005, 55% do material de guerra russo estava fora de serviço, sendo que em 2008 apenas 10% podia ser classificado como moderno, dado que a maior parte do material adquirido baseava-se em plataformas com 10 a 15 anos de idade. Acrescenta ainda que apenas 17% das

unidades do Exército, 7% da Força Aérea e 70% da Marinha se encontravam em prontidão permanente²⁵, com as forças armadas a 82% do pessoal.

Somado à evidente falta de qualidade dos militares russos, Vladimir Putin via na NATO uma ameaça aos seus planos, não no sentido de uma invasão do Ocidente, mas antes no cenário em que os países da aliança e da UE, em conjunto com organizações não governamentais iriam tentar minar a influência russa nos estados periféricos e virá-los contra Moscovo (USSOCOM, 2016). A fim de colocar a Rússia militarmente ao nível dos países da NATO e poder reagir e dissuadir estas ameaças, eram necessárias mudanças drásticas que afastassem a sua força bélica da estrutura rígida que herdou da União Soviética.

No final de 2008, o Ministro da Defesa russo Anatoly Serdyukov dá início a um programa de modernização militar ambicioso, denominado *Novy Oblik* (Nova Imagem), cujo objetivo era transitar do modelo de mobilização de massas para formações de prontidão permanente, ao mesmo tempo que se rearmavam as unidades militares com equipamento moderno (Kofman & Golts, 2016). No final de 2012, Serdyukov foi demitido, e Sergey Shoigu substituiu-o no seu cargo. De acordo com o *The Military Balance* (2017), foi introduzido um programa robusto que se focava em inspeções surpresa ao estado de prontidão das unidades, exercícios conjuntos entre os diferentes ramos das forças armadas e exercícios estratégicos anuais, bem como a promessa de investir cerca de 700 bilhões de dólares até 2020, a fim de levar o equipamento a um nível de modernização de 70%. O relatório anual adianta ainda que o simbolismo dos nomes das unidades teve uma marca importante na reforma, com algumas unidades célebres (como o 1º Exército de Tanques da Guarda) a serem recriadas em 2014. A publicação do *United States Special Operations Command* (2016) indica que as novas reformas visavam essencialmente a criação de um exército profissional e moderno, capaz de conduzir eficazmente operações na periferia da Rússia, com especial ênfase no comando e controlo, políticas de pessoal, treino e prontidão, modernização do equipamento e retenção da dissuasão nuclear. A nível prático, os soldados russos passaram a equipar o Futuro Equipamento Individual do Soldado “Ratnik”, que permite uma melhor proteção contra armas ligeiras e emprega uma variedade de subsistemas, como o reconhecimento, navegação, visão noturna e comunicações; as forças mecanizadas passaram a beneficiar de viaturas blindadas mais ligeiras e modernas, com comunicações

²⁵ Uma unidade militar russa em estado de “prontidão permanente” tem de ter o nível de pessoal e material num mínimo de 80%, pronto para ser mobilizado à ordem para uma zona de combate sem necessidade de ser apoiada a curto prazo (Bruusgaard & Andresen, 2009).

digitais e os carros de combate T-55 e T-62 foram substituídos por T-72B modernizados. Quanto às brigadas do Exército Russo, deixaram de ser destacadas como um todo, sendo que os comandantes operacionais passariam a organizar Grupos Táticos de escalão Batalhão, capazes de executar missões de armas combinadas de forma independente.

Relativamente à organização estratégica, esta era para ser feita de forma rápida, com o propósito de evitar constrangimentos a longo prazo. Barabanov (2014) aponta como uma das principais mudanças a fusão dos distritos militares russos em quatro distritos: Distrito Militar Ocidental, Distrito Militar Oriental, Distrito Militar Central e Distrito Militar Sul (sendo que este último absorveu a Crimeia após a sua anexação em 2014). Outra mudança significativa foi a criação de um Comando de Operações Especiais, cuja importância será referida mais à frente neste capítulo. A doutrina militar russa sofreu também alterações, com o intuito de acompanhar a modernização que a reforma implicava. Em 2014, a Rússia destacou as alterações de regime em estados limítrofes, exercícios militares na fronteira e a inclusão do Ártico na sua esfera de influência como pontos fulcrais na sua nova abordagem à estratégia nacional (Sinovets & Renz, 2015).

Apesar das reformas englobarem grandes medidas que permitem a longo prazo uma transformação completa da componente militar russa, há certos aspetos que devem ser referidos. As metas alcançadas tiveram um sucesso limitado até 2014, no sentido em que a negligência à qual as forças armadas russas foram sujeitas no período que sucedeu a queda da União Soviética fez com que os desenvolvimentos recentes apenas possam ser avaliados, na melhor das hipóteses, como medidas de recuperação do poder militar, ao invés de uma reforma *per se* (Sinovets & Renz, 2015). A inércia em abandonar certos aspetos característicos da organização militar soviética também compromete alguns avanços, com especial enfoque na redução de pessoal (Kosnik, 2016). No fundo, transformar as forças armadas russas revelou-se uma tarefa colossal, que exigia a quebra de barreiras culturais e económicas, ficando as reformas a meio caminho, com militares bem preparados e equipados inseridos numa estrutura inflexível típica de uma guerra convencional de grande escala (Kofman & Golts, 2016).

4.1.2. SPETSNAZ

Os SPETSNAZ²⁶ são forças irregulares, presentes nos vários ramos das forças armadas e forças de segurança russas, que operam clandestinamente, permitindo que o governo russo alcance a “negação plausível” (Smith, 2018). Dentro do FSB²⁷ (serviços secretos russos) destaca-se o Spetsgruppa Alpha, responsável por operações de contraterrorismo e o Spetsgruppa Vypel (ou Vega), que se foca em infiltrações profundas, sabotagem e assassinato, enquanto que os militares russos contam com o SPETSNAZ GRU, cujos elementos são recrutados da elite das forças especiais para servirem nesta divisão dos serviços de informações militares (USSOCOM, 2016). Com as reformas de Serdyukov, o SPETSNAZ GRU formalizou o seu papel como infantaria de elite, ao invés de forças especiais no sentido ocidental do termo, sendo melhor comparado aos Rangers do Exército dos Estados Unidos do que ao SFOD-D²⁸ (Bukkvoll, 2016). Pertencentes a esta tipologia, ao todo, são 7 Brigadas Independentes Regulares, juntamente com a 100^a Brigada de Reconhecimento, o 25^o Regimento de Forças Especiais e as forças atribuídas ao KSO²⁹ (Smith, 2018).

Criado em 2013, o KSO constitui-se como o Comando de Forças de Operações Especiais da Rússia, fundindo todas as forças especiais num só elemento, sendo parte integrante das reformas iniciadas em 2008. Projetadas para operarem de forma independente em território estrangeiro (ao contrário das restantes forças dos SPETSNAZ, que desempenham missões especiais em apoio a manobras convencionais) o KSO teve a sua estreia na operação de anexação da Crimeia, cujo papel foi decisivo na conquista do território (Kofman, et al., 2017). O alto comando russo pretende que esta unidade emule as forças especiais ocidentais, após ter reparado na disciplina e treino em táticas avançadas e armamento destas últimas nos teatros de operações internacionais (Nikolsky, 2014). Devido à natureza desta unidade, pouco se sabe relativamente à sua atual estrutura. Numa publicação para o Canadian Special Operations Forces Command, Marsh (2017) refere que o KSO tem uma brigada de aviação especial diretamente sobre o seu comando, que controla os meios aéreos na Base Aérea de Torzhok e uma esquadra de aeronaves de transporte IL-72 na Base Aérea de Tver. Encontra-se dividida em 5 divisões de operações especiais, e o número de operacionais (incluindo pessoal de apoio) estima-se não ultrapassar os 1500 homens (Bukkvoll, 2016). Em termos de comando e controlo, responde diretamente ao Chefe de

²⁶ *Spetsialnoye Naznacheniya*. Em português, Forças Especiais.

²⁷ *Federal'naya sluzhba bezopasnosti*. Em português, Serviços de Segurança Federais.

²⁸ Special Forces Operational Detachment – Delta, vulgarmente designado por “Delta Force”.

²⁹ *Komandovanie sil spetsial'nalnykh operatsii*. Em português, Comando de Forças de Operações Especiais.

Estado Maior das Forças Armadas Russas, tendo sido colocado em controlo operacional direto apenas das unidades SPESTNAZ GRU, SPETSNAZ da Marinha e do 45º Regimento Independente VDV SPETSNAZ (Marsh, 2017).

4.1.3. Os proxies russos na Crimeia

Os proxies (ou grupos por procuração) têm um lugar de destaque no conflito na Ucrânia, tendo sido extensivamente utilizados na Crimeia em apoio às forças convencionais (militares) que operavam na região, a fim de contribuir para o caos e desorientação das forças armadas ucranianas, dando uma sensação de apoio local (McDermott, 2015). Segundo o United States Army Special Operations Command (USSOCOM, 2016), estiveram presentes na Crimeia quatro grandes grupos proxy: O grupo de motards “Lobos da Noite”, paramilitares Cossacos, Guardas Chetniks e o Batalhão Vostok. Quanto a estes, é adiantado que:

- Os “Lobos da Noite” são um grupo de motards nacionalistas russos liderado por Aleksander Zaldostanov, com a alcunha de “Cirurgião”. O grupo tem cerca de 5000 membros, incluindo Vladimir Putin. É composto maioritariamente por veteranos russos e antigos membros dos SPETSNAZ.
- Os paramilitares Cossacos recebem apoio financeiro da Rússia, estando legalmente permitidos a defender as fronteiras russas, organizar treino militar para jovens, combater terrorismo e proteger instalações governamentais. Sobre o comando do Coronel Sergei Yurievich, foram utilizados para defender Sebastopol e bloquear e intimidar militares ucranianos na Crimeia.
- Os Guardas Chetniks são originários da Sérvia. Comandados por Bratislav Zivkovic, são tipicamente identificados a utilizar barba, uma variedade de uniformes camuflados com um emblema com uma caveira, longos chapéus de pelo com uma borla e facas grandes. Vieram alegadamente para assistir os irmãos eslavos na luta contra o Ocidente, juntamente com antigos membros da Guarda Voluntária Sérvia, mais conhecidos como “Tigres do Arkan” (embora estes últimos tenham atuado apenas no Donbass).

- O Batalhão Vostok é originário da Chechênia, e é composto por membros do antigo Batalhão SPETSNAZ GRU Vostok, desmantelado em 2008 após o conflito na Geórgia.

4.1.4. Dispositivo militar na Crimeia antes de fevereiro de 2014

A força militar total autorizada no estatuto assinado entre a Ucrânia e a Rússia permitia que estes últimos mantivessem uma presença na península de, no máximo, 25,000 homens, sendo que na altura do conflito (fevereiro de 2014) esta força contabilizava um total de 12,000 militares (Kofman, et al., 2017) distribuídos por quatro bases (qf. Apêndice B).

4.2. Ucrânia

Quando a Rússia iniciou a sua operação em fevereiro de 2014, o estado letárgico no qual as forças armadas ucranianas se encontravam evidenciou-se. Após a queda da União Soviética, em 1991, a falta de investimento na modernização do equipamento bélico e treino operacional reduziu significativamente as capacidades militares ucranianas (International Institute of Strategic Studies, 2017). Nos momentos que se seguiram à invasão russa da Geórgia, em 2008, as relações com a Rússia ficaram comprometidas, sendo que a Ucrânia procurou reformar as suas forças armadas com caráter urgente, esforços estes que foram em vão tendo em conta que Yanukovich optou por adotar políticas orientadas para Moscovo, desvalorizando a necessidade de rearmar os militares ucranianos (Mendes Martins & Beja Eugénio, 2015).

4.2.1. Estado das forças militares ucranianas antes de fevereiro de 2014

Na obra *Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Crimea*, Lavrov e Nikolsky (2014) fazem uma análise esclarecedora do estado degradado em que se encontravam as forças armadas da Ucrânia, apoiando-se num relatório elaborado por Igor

Tenyukh, Ministro da Defesa em funções na altura da invasão, apresentado ao parlamento ucraniano a 11 de março de 2014.

Em linha com este relatório, apenas 6000 militares de um total de 41,000 estavam prontos para combate, sendo que os primeiros consistiam essencialmente em brigadas aeromóveis integradas nas forças de reação rápida ucranianas. A nível de equipamento, cerca de 92% das plataformas utilizadas tinha, pelo menos 20 anos, sendo que 53% deste material tinha mais de 25 anos. Com a maioria das viaturas blindadas sem combustível para se movimentar, algumas sem baterias para ligar os motores e com a maioria das unidades em défice a nível de pessoal, o remanescente das forças (inclusive aquelas destacadas na Crimeia) mostrou-se incapaz de fazer face à ameaça russa. Dos 507 aviões e 121 helicópteros³⁰, apenas 15% se encontrava em condições de voar, sendo que não haviam sequer tripulações suficientes para pilotar as aeronaves operacionais. O estado das defesas aéreas era igualmente catastrófico, com sistemas antiaéreos avançados como o Buk e o S-300 sem pessoal suficientemente bem treinado para os operar (menos de 10% dos militares estava devidamente qualificado para utilizar estes sistemas de armas). Quanto às forças terrestres, os exercícios envolviam apenas batalhões isolados, resultando numa falta de capacidade de coordenar manobras militares complexas. O financiamento revelou-se também problemático, ao ponto de o Ministério da Defesa ter criado uma linha telefónica para a qual os cidadãos ligavam a fim de doar cerca de 0,50 euros, com o intuito de angariar fundos para sustentar as forças militares no combate contra os russos.

4.2.2. Dispositivo militar na Crimeia antes de fevereiro de 2014

Em referência a uma reunião secreta do Conselho de Segurança Nacional na Ucrânia, a respeito das forças militares ucranianas presentes na Crimeia, Kofman et al. (2017) referem que haviam cerca de 15,000 militares ucranianos na Crimeia, equipadas com 41 carros de combate, 160 veículos de combate de infantaria, 47 sistemas de artilharia e morteiros pesados, uma brigada de artilharia, dois batalhões independentes de infantaria naval e uma brigada de defesa costeira. Adiantam ainda que maioria das unidades aéreas, à imagem do restante da Força Aérea Ucraniana, encontravam-se em condições deploráveis, com apenas

³⁰ Estes valores incluem material armazenado em depósitos de material de guerra.

4 a 6 dos 45 caças MiG-29 presentes na Base Aérea de Belbek em estado operacional. É feita menção também a 2500 militares pertencentes ao Ministério do Interior, pese embora o valor defensivo destes fosse questionável. O dispositivo militar ucraniano na Crimeia consistia em num conjunto de 13 bases navais, bases da Guarda de Fronteira e bases aéreas/defesa aérea (qf. Apêndice C).

CAPÍTULO 5

A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

5.1. Motivações russas

A intervenção na Ucrânia deriva de uma mistura de medos e interesses na região, que englobam essencialmente quatro aspetos: políticas internas; reação à expansão da UE e NATO; a importância estratégica do Mar Negro e a necessidade russa de exercer influência nos estados periféricos como tampão de uma invasão do Ocidente (USSOCOM, 2016). De todas estas, a que mais sobressai é, sem dúvida, a influência russa em Sebastopol. Tal como explicado no Capítulo 3, o movimento Euromaidan colocou Vladimir Putin sem alternativas senão intervir na Crimeia, que continha uma população significativa de ucranianos pró-russos e, acima de tudo, o porto de Sebastopol, que garantia o controlo russo do Mar Negro (Marshall, 2017).

Para sair do Mar Negro, os navios russos têm de transitar pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos, tendo como saídas possíveis do Mar Mediterrâneo o Estreito de Gibraltar para o Oceano Atlântico e o Canal do Suez para o Oceano Índico. O problema estratégico destas limitações reside no controlo de acessos. Os estreitos de Dardanelos e Bósforo são controlados pela Turquia (membro da NATO), cujo trânsito está regulado (inclusive quanto à tipologia e peso de navios) pela Convenção de Montreux³¹, sendo que os estados banhados pelo Mar Negro têm maior liberdade no tráfego naval do que os restantes. Somado a isto, a Marinha Russa goza ainda do privilégio de ser a única marinha no mundo que pode passar um porta-aviões nos estreitos, dado que o *Admiral Kuznetsov* (o único porta-aviões em serviço na Marinha Russa) foi equipado com mísseis de cruzeiro P-500 e P-700 a fim de poder ser classificado como “cruzador porta-aviões”, excluindo-o das restrições impostas

³¹ Republic of Turkey Ministry of Foreign Affairs. Retirado de <http://www.mfa.gov.tr/implementation-of-the-montreux-convention.en.mfa>

pela convenção (Miller & Hine, 1990). Quanto ao estreito de Gibraltar, a Rússia necessita de passar por águas territoriais de Espanha (membro da NATO) e Marrocos (com estatuto especial de aliado importante da NATO³²), e no Canal do Suez tem primeiro de obter autorização. Este bloqueio naval dificulta os movimentos da Marinha Russa, cujas limitações se agravariam com a perda de Sebastopol, retirando à Rússia a capacidade de projeção naval no Mar Mediterrâneo (USSOCOM, 2016).

Evitar a aproximação da Ucrânia ao Ocidente revelou-se igualmente vital para a Rússia. Para justificar a intervenção, a Rússia alegou que os russos étnicos residentes na Ucrânia estavam em perigo, após o governo ucraniano mostrar intenções de abolir o russo como segunda língua oficial em múltiplas regiões, inclusive na Crimeia (Kofman, et al., 2017). Tendo em conta que a lei russa obriga o governo a proteger os russos étnicos, a atitude ucraniana revelou-se insensata, dado que forneceu a Putin um pretexto para intervir de forma legítima (do ponto de vista russo) na Crimeia (Marshall, 2017).

Putin não poderia tolerar um governo pró-ocidental na Ucrânia, ao mesmo tempo que queria consolidar a sua posição, devolvendo a Crimeia à Rússia e reemergindo como um líder capaz de restaurar a antiga glória da Rússia Imperial, com o poder militar da União Soviética (Babst, 2015).

5.2. A operação de ocupação da Crimeia

Ninguém sabe ao certo em que dia começaram os preparativos para a operação na Crimeia. O conflito desenvolveu-se durante cerca de um mês, com atividades militares em paralelo com pressões políticas e económicas (sobre este assunto, vd. Apêndice A). Sabe-se contudo que, tanto o FSB como o SPETSNAZ GRU aumentaram os seus níveis de atividade para padrões fora do normal após a eleição de Viktor Yanukovich (em 2010), particularmente após este último ter mudado o seu foco de contraespionagem da Rússia para contraespionagem dos Estados Unidos (Bukkvoll, 2016). Mais tarde, em 2013, os russos levaram a cabo uma campanha de ciberespionagem que ficou conhecida como “Operação Armageddon”, orientada para o governo, forças de segurança e altas patentes das forças armadas da Ucrânia (Iasiello, 2017). Já no início de janeiro de 2014, os serviços secretos

³² BBC News. Retirado de <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/3776413.stm>.

ucranianos detetaram atividade suspeita russa na Crimeia, tendo alertado o governo ucraniano desta situação, que optou por ignorar o aviso (McDermott, 2015). Esta atividade estará provavelmente relacionada com os contactos entre altas patentes militares ucranianas e espiões russos, com o propósito de incentivar à deserção antes, durante e após a ocupação russa (Kofman, et al., 2017).

Não obstante, o recurso ao instrumento militar deu o seu primeiro sinal de atividade a 20 de fevereiro de 2014 (data na qual se deram os violentos confrontos em Kiev), quando as unidades militares russas e ucranianas na Crimeia foram colocadas em alerta máximo (Kofman, et al., 2017). Segundo Lavrov (2014), 125 militares pertencentes ao 501º Batalhão Independente de Infantaria Naval da Marinha Ucraniana foram destacados para Teodósia para guardar depósitos de material de guerra, e do lado russo a 810ª Brigada Independente de Infantaria Naval destacou uma companhia para guardar o aeroporto russo nos arredores de Simferopol e um pelotão para guardar o Quartel-General da Frota do Mar Negro Russa em Sebastopol. O autor adianta ainda que a 22 de fevereiro, todo o 45º Regimento Independente VDV SPETSNAZ saiu da sua base em Moscovo; duas esquadras da 16ª Brigada Independente SPETSNAZ saíram de Tambov, a 3ª Brigada Independente SPETSNAZ em Tolyatti e a 7ª Divisão de Assalto Aéreo em Novorossiisk foram colocadas em prontidão para combate e várias unidades russas foram aerotransportadas para o aeroporto de Anapa (que se tornou a base logística de apoio das operações na Crimeia).

Quando o presidente Yanukovich abandonou a Ucrânia, o caos instalou-se. Aproveitando o vazio de poder e a forte oposição ao novo governo de Kiev existente na Crimeia (particularmente em Sebastopol, onde Yanukovich foi eleito com a maioria de 84%), a Rússia destacou elementos do 45º Regimento Independente VDV SPETSNAZ para incentivar à revolta da população, ao mesmo tempo que elementos do SPETSNAZ GRU subornavam os russos étnicos na região a fim de ganharem apoio para a anexação (USSOCOM, 2016). Na internet, a propaganda pró-russa aumentava a intensidade. Num caso particular, a Rússia pagou a um indivíduo para postar conteúdo pró-russo com três identidades diferentes; outro para se fazer passar por três vloggers diferentes com dez blogues, e um terceiro para postar comentários em redes sociais e canais de notícias 126 vezes a cada 12 horas, tudo isto enquanto negava publicamente o seu envolvimento na crise, apelando à diminuição das tensões e resolução das divergências entre partes (Iasiello, 2017).

Com os protestos contra o governo de Kiev a aumentar de intensidade na Crimeia, a Rússia inicia as suas ações diplomáticas e militares. A 23 de fevereiro o embaixador russo em Kiev foi chamado de volta para Moscovo, no mesmo dia em que começaram a chegar relatos aos altos escalões militares ucranianos que haviam militares russos a embarcarem em navios de transporte anfíbio na Base Naval de Novorossiisk (Lavrov, 2014), enquanto que elementos da infantaria naval russa executavam reconhecimentos no istmo de Perekop (USSOCOM, 2016).

As forças militares russas mostraram-se, pela primeira vez, no dia 25 de fevereiro, quando, após a Câmara Municipal de Sebastopol eleger Aleksei Chaly, um cidadão russo, como prefeito (a 24 de fevereiro), os militares da 810ª Brigada Independente de Infantaria Naval presentes em Sebastopol surgem em viaturas blindadas na praça principal da cidade, no mesmo dia em que o *Nikolai Filchenkov*, um navio de transporte anfíbio da classe Alligator transporta 200 elementos de forças especiais russas (provavelmente KSO) para o porto de Sebastopol (Kofman, et al., 2017). Estas forças do KSO viriam a ser a ponta da lança da ofensiva russa na Crimeia, liderando a ocupação com apoio das forças do SPETSNAZ GRU e da infantaria naval (Bukkvoll, 2016). Nesta altura a “Operação Potao”, um conjunto de ciberataques contra as estruturas ucranianas já tinha desativado vários websites governamentais ucranianos e bloqueado telemóveis e computadores de funcionários do governo, pouco antes das forças militares russas entrarem na península (Unwala & Ghorri, 2015).

No dia 26 de fevereiro Vladimir Putin ordena exercícios militares que envolvem 150,000 militares dos Distritos Militares Central e Ocidental, numa manobra que não era pouco usual mas serviu, nesta situação, apenas para deslocar forças do VDV e SPETSNAZ do norte da Rússia para o sul, com recurso a 40 aeronaves de transporte IL-76 saídas de Ulyanovsk, quartel da 31ª Brigada de Assalto Aéreo russa, algumas delas em direção à Base Naval de Anapa (Kofman, et al., 2017).

Às 04:25 (hora local) do dia 27 de fevereiro, 50 operacionais do KSO, sobre o disfarce de “milícia de autodefesa” capturaram o Parlamento da Crimeia, hasteando a bandeira da Federação Russa no edifício (Lavrov, 2014). A polícia que guardava o local não ofereceu qualquer resistência. Nesse mesmo dia, o navio de desembarque *Azov* desembarcou 300 militares russos, tendo cumprido os procedimentos de passagem de fronteiras, mas sem alertar as autoridades ucranianas da presença dos militares no navio (Kofman, et al., 2017).

Lavrov (2014) sugere que a unidade que seguia no navio era o 382º Batalhão Independente de Infantaria Naval (com base em Temryuk) que, tendo já sido parte integrante da 810ª Brigada Independente de Infantaria Naval, poderiam passar por militares legitimamente aquartelados na Crimeia.

No dia seguinte, 28 de fevereiro, por volta das 03:00, a Base Aérea de Belbek foi cercada por dez viaturas de transporte pessoal, três viaturas BTR-80 e vários militares não-identificados equipados com fardamento e armamento russo, após estes terem entrado na base por um portão não guarnecido, tendo bloqueado a pista e colocando a principal base de defesa aérea ucraniana na Crimeia fora de funcionamento numa poucos minutos (Kofman, et al., 2017). Nesse mesmo dia, três helicópteros de transporte Mi-8, escoltados por oito helicópteros de ataque Mi-35M violaram o espaço aéreo ucraniano (fornecendo às forças terrestres russas a capacidade de neutralizar blindados e operar à noite), juntamente com várias aeronaves de transporte IL-76, que aterraram na Base Aérea de Gvardeskoye, também sem autorização ucraniana (Lavrov, 2014). Preocupados com o rápido deslocamento de forças russas para a península, o governo ucraniano mandou descolar duas aeronaves Su-27 da Ucrânia que, apesar de não terem conseguido impedir os Mi-35M de operar de noite, foram eficazes como dissuasores e impediram futuros movimentos aéreos para o interior da península (Kofman, et al., 2017). Também o aeroporto de Simferopol fora conquistado por forças sem insígnias, que colocaram aparelhos de intercepção de dados em cabos de fibra ótica e destruíram vários cabos de comunicações, tendo isolado com sucesso a península da Crimeia do território principal ucraniano (Unwala & Ghorri, 2015). A partir deste ponto, a população da Crimeia podia apenas contar com os russos para estabelecer comunicações na região.

A 1 de março, o parlamento da Federação Russa aprova com unanimidade o pedido de Vladimir Putin para utilizar a força militar na Ucrânia, a fim de proteger os interesses russos na região (USSOCOM, 2016), sendo que os dias seguintes viram o dispositivo militar russo a ser consideravelmente reforçado por unidades de escalão companhia e batalhão, acompanhadas por viaturas blindadas GAZ Tigr (Lavrov, 2014). As unidades russas, com pouco poder de fogo mas elevada mobilidade, espalharam-se pelo território ucraniano na Crimeia sem qualquer resistência, cercando bases militares ucranianas (Kofman, et al., 2017). A reação apática das forças militares ucranianas é refletida no cerco à Base de Perevalne, onde estava aquartelada a 36ª Brigada Mecanizada Independente de Defesa Costeira. Esta unidade terrestre, apesar de constituir a formação mais capaz (em termos de

meios) de fazer face à ameaça russa, equipada com dezenas de carros de combate e viaturas de combate de infantaria, foi cercada por alguns militares russos não-identificados equipados com viaturas GAZ Tigr (Lavrov, 2014). No final deste dia, cerca de 60% das unidades de defesa aérea ucranianas tinham sido capturadas (McDermott, 2015).

Enquanto a Marinha Russa bloqueava a Marinha Ucraniana na Crimeia, já haviam milhares de forças russas na península que, apesar de não estarem equipadas com armamento pesado, aproveitaram-se da falta de reação ucraniana para continuar com as suas operações, tendo sempre evitado o uso da força. Uma semana depois da intervenção militar russa na península, a Ucrânia já não tinha comando e controlo sobre as suas forças na Crimeia, tendo os russos aproveitado este momento para estabelecer coordenações com as milícias locais, fações pró-russas (como o grupo de motards “Lobos da Noite”), os Cossacos, antigos membros da polícia Berkut e os Guardas Chetniks, cujas ações de provocação e intimidação foram importantes para compensar o escasso número de militares russos que operavam na região (USSOCOM, 2016). A 6 de março, a 5ª Brigada de Navios de Superfície (a unidade melhor equipada da Marinha Ucraniana) foi bloqueada em Donuzlav, após os russos terem afundado o *Ochakov*, um navio já força de serviço, na entrada da baía, enquanto as unidades de reação rápida ucranianas já estavam na fronteira com a Crimeia a aguardar ordens para intervir (Lavrov, 2014). Os russos estavam lentamente a anular toda a capacidade militar ucraniana sem recorrer, em momento algum, à violência. O medo de uma retaliação russa, o estado degradado das forças armadas na região e a falta de comando e controlo a todos os níveis da cadeia de decisão ucraniana resultou numa operação militar russa sem qualquer oposição eficaz (Rácz, 2015). A campanha de ciberguerra russa continuava, com os telemóveis dos representantes do governo de Kiev na Crimeia a serem pirateados, e todas as comunicações entre a Crimeia e a Ucrânia sobre vigilância russa (Unwala & Ghori, 2015).

No noite de 9 de março foram avistados sistemas de mísseis de defesa costeira K-300P Bastion-P, colocados estrategicamente em Sebastopol a fim de dissuadir eventuais ameaças navais externas, sendo que no final da tarde desse mesmo dia já a Base Naval de Novofederovka estava sobre controlo russo (Lavrov, 2014). No Anexo A estão identificadas as principais operações russas entre 24 de fevereiro e 9 de março. Entre 11 e 18 de março, conforme os russos iam consolidando as suas posições com recurso à colocação de sistemas de artilharia antiaérea avançados (como o S-300PS e o Pantsir-S1), a população da Crimeia (que estava a tomar parte ativa no cerco às bases militares ucranianas) votou a favor da anexação russa da região, num referendo sem observação independente e com a presença

dos militares não-identificados e dos vários grupos civis e milícias pró-russas, que forçaram os funcionários governamentais a participar no referendo (Kofman, et al., 2017). No dia 18 de março, a primeira e única baixa das forças armadas ucranianas é registada, após um militar ucraniano e um russo étnico terem sido alegadamente abatidos por um sniper que tentava provocar um conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia, incidente este que resultou na autorização ucraniana para abrir fogo sobre os militares russos e forças hostis (Lavrov, 2014). Ainda assim, as forças especiais russas mantiveram uma conduta profissional, tendo-lhes sido dada a ordem de evitar o uso da força letal tanto quanto possível e de não praticarem ações que pudessem alienar a população (como, por exemplo, a pilhagem) (McDermott, 2015).

É de salientar, contudo, que a 14 de março os russos tinham isolado por completo a península do território principal ucraniano, com a colocação da 18ª Brigada Mecanizada Independente (equipada com VBTP BTR-82A) e da 291ª Brigada de Artilharia (equipada com o lança-foguetes múltiplo BM-27 Uragan de 200mm e o obus 2S65 Msta-B de 152mm) ao longo dos 7 quilómetros do Istmo de Perekop (que anteriormente estava guarnecido com apenas alguns elementos das forças de autodefesa da Crimeia e um batalhão de SPETSNAZ) (Lavrov, 2014). Com a faixa terrestre devidamente defendida e os sistemas de defesa aérea e costeira em posição, a hipótese de arriscar um contra-ataque ucraniano na península tornou-se remota.

No dia 19 de março, a 36ª Brigada Mecanizada Independente de Defesa Costeira rendeu-se sem oferecer qualquer resistência, tendo-se seguido outras unidades militares ucranianas, atraídas pelos termos do Decreto N°164 assinado por Vladimir Putin, que oferecia, entre outras condições, o reconhecimento das credenciais militares e académicas na eventualidade dos militares ucranianos optarem por desertar (USSOCOM, 2016).. A 21 de março, após a Rússia ter anexado formalmente a Crimeia, e o 501º Batalhão Independente de Infantaria Naval ucraniano se ter rendido, apenas duas unidades militares resistiam à ocupação russa: O 1º Batalhão Independente de Infantaria Naval, em Teodósia, e a 204ª Brigada de Aviação Tática, na Base Aérea de Belbek (Lavrov, 2014). A 22 de março a Base Aérea de Belbek rendeu-se com os seus militares formados na parada (Kofman, et al., 2017). Na noite de 24 de março começou o assalto à Base Naval de Teodósia, no qual as forças especiais russas se envolveram em combate corpo a corpo com os fuzileiros ucranianos (Lavrov, 2014). Duas horas depois a base foi tomada, e o governo ucraniano ordenou a retirada completa dos militares ucranianos da Crimeia (Kofman, et al., 2017).

No dia 25, por volta das 19:00, os 25 marinheiros do draga-minas *Cherkassy*, sobrevoados por dois helicópteros de ataque Mi-35M e após várias tentativas de evitar a captura, renderam-se às forças russas numa ação que materializou o controlo militar completo da península pela Rússia, que tinha a sua bandeira hasteada em todas as 193 bases, guarnições e navios na Crimeia (Lavrov, 2014). Sem recorrer ao uso direito da força, 60 anos depois, Vladimir Putin devolveu a Crimeia aos russos em apenas 30 dias.

CAPÍTULO 6

REAÇÃO INTERNACIONAL À INTERVENÇÃO

6.1. Reações políticas e económicas

A intervenção militar russa na Crimeia despoletou uma variedade de reações por parte da comunidade internacional, desde condenações tácitas da atitude russa para com um estado soberano, até ao apoio incondicional aos interesses russos na região.

No plano político, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o referendo de independência da Crimeia como inválido, após 100 votos a favor, 11 contra e 58 abstenções³³. No Conselho de Segurança das Nações Unidas., onde a Rússia é membro permanente (e, portanto, com o direito de veto), uma resolução com o intuito de reafirmar o compromisso do conselho na integridade territorial da Ucrânia foi vetada apenas com o voto russo, com 13 votos a favor e uma abstenção chinesa (o seu aliado mais próximo, cuja abstenção confirmou o isolamento de Moscovo na questão da Crimeia)³⁴. Quanto às sanções económicas, estas foram várias e partiram essencialmente dos Estados Unidos e UE, cujo impacto resultou na perda de dezenas de biliões de dólares para a economia russa cuja moeda (o rublo) desvalorizou cerca de 40% face ao dólar desde junho de 2014³⁵. Apesar de serem declaradamente opositores da ação russa na Ucrânia, a Alemanha e os estados bálticos foram cuidadosos nas suas demonstrações, pois o gás que abastece estes países é fornecido pela Rússia que, em último caso, pode optar por cortar esse mesmo fornecimento, pese embora essa ação fosse ter um impacto extremamente negativo na já frágil economia russa (Marshall, 2017).

³³ Reuters. Retirado de <https://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-un/u-n-general-assembly-declares-crimea-secession-vote-invalid-idUSBREA2Q1GA20140327>.

³⁴ USA Today. Retirado de <https://eu.usatoday.com/story/news/world/2014/03/15/russia-vetoes-un-resolution-crimea/6456495/>.

³⁵ Reuters. Retirado de <https://www.reuters.com/article/us-russia-medvedev-sanctions/rouble-fall-sanctions-hurt-russias-economy-medvedev-idUSKBN0JO0SR20141210>

Todas estas sanções foram relevantes na condenação e castigo da atitude hostil russa para com um estado soberano, cujas ações representaram uma violação clara do Direito Internacional e, em especial, do Memorando de Budapeste. A reação internacional neste âmbito resumiu-se essencialmente boicotes comerciais e corte de ações de cooperação com Moscovo.

6.2. Reações militares

O artigo 5º da NATO apenas abrange os estados-membros e tendo em conta que a Ucrânia não é um membro da NATO, a cláusula não pôde ser invocada aquando a intervenção militar russa na Crimeia. Apesar disto, pertence ao programa de Parceira para a Paz, de modo a que a aliança iniciou um conjunto de medidas orientadas para reforçar a segurança no flanco leste, dentro das quais se incluíam pacotes de medidas financeiras e assistência técnica com vista a reformar a área da defesa e segurança interna³⁶. Os aliados com maior poder militar, nomeadamente os Estados Unidos e o Reino Unido tomaram as medidas mais visíveis. O Reino Unido enviou 4 aeronaves Eurofighter Typhoon e anunciou o envio de 100 militares para participarem em exercícios militares na Polónia³⁷. Os Estados Unidos, por outro lado, começaram a planear o pré-posicionamento de material de guerra suplementar nas proximidades da Rússia, acautelando-se para uma possível agressão russa a um estado membro (Marshall, 2017). A NATO comprometeu-se ainda na Cimeira de Gales em criar a Very High Readiness Joint Task Force (VJTF), constituindo-se como uma força militar capaz de ser projetada em poucos dias para fazer face a ameaças nos territórios periféricos da NATO³⁸. Num relatório para o European Leadership Network, Kulesa (2016) salienta ainda o aumento da pegada militar no flanco leste, rotatividade contínua de forças terrestres, aumento das atividades navais, desenvolvimento da estrutura de comando no flanco leste e aumento do potencial militar dos aliados da Europa Central e Oriental. As demonstrações de força, contudo, não foram apenas do lado da aliança e parceiros.

³⁶ NATO. Retirado de https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_37750.htm.

³⁷ The Guardian. Retirado de <https://www.theguardian.com/politics/2014/apr/28/uk-baltics-deploys-fighter-jets-nato-hammond>.

³⁸ NATO. Retirado de https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_112964.htm.

De acordo com uma notícia publicada pelo United States Naval Institute³⁹, a 14 de abril de 2014 o USS *Donald Cook*, um destroyer da classe Arleigh Burke (equipado com o Sistema de Combate Aegis⁴⁰) foi sobrevoado no Mar Negro cerca de 12 vezes por um caça-bombardeiro Su-24 Fencer a menos de 150 metros de altitude e a uma distância inferior a um quilómetro, após ter ignorado várias tentativas de contacto por parte da tripulação norte-americana. A notícia adianta ainda que o navio detetou uma segunda aeronave Su-24 na área, embora esta não se tenha empenhado na ação. Segundo algumas agências de notícias russas, o caça encontrava-se equipado com o sistema de contramedidas eletrónicas Khibiny e conseguiu desativar todo o sistema eletrónico do destroyer norte-americano, noticia esta que acabou por ser desmascarada como parte da propaganda russa contra o Ocidente⁴¹. Não era a primeira vez que este tipo de histórias surgia. Já nos bombardeamentos da NATO à antiga República Federal da Jugoslávia em 1999, os russos alegaram ter aconselhado os sérvios a ligar micro-ondas domésticos e virá-los para o céu a fim de iludir os mísseis AGM-88 HARM a atingir os aparelhos ao invés dos alvos (Nair, 2008).

As reações militares da NATO, embora tenham parecido escassas, foram determinantes em afirmar a sua posição contra a Rússia, mostrando que estava pronta a combater pelos seus aliados pois, caso não o fizesse, a aliança tornar-se-ia instantaneamente obsoleta (Marshall, 2017). Não faltam, contudo, autores que versam a opinião de que a reação da aliança atlântica foi insuficiente. Kurt Volker, ex-embaixador norte-americano na NATO criticou a inércia dos estados membros, afirmando que esta se encontra “presa em operar numa lógica de cooperação, em vez da lógica de defesa e dissuasão⁴²”. A criação da VJTF, parte integrante da NATO Response Force (NRF) também foi alvo de críticas. Abst (2015) afirma que esta força só poderá ter sucesso se as questões do financiamento e comando e controlo forem devidamente abordadas, caso contrário sofrerá o mesmo destino da NRF, onde a diferença nos orçamentos de defesa dos países que integram esta força é evidente na qualidade do equipamento que empregam.

³⁹ USNI News. Retirado de <https://news.usni.org/2014/04/14/russian-fighter-buzzes-u-s-destroyer-black-sea>.

⁴⁰ United States Navy. Retirado de https://www.navy.mil/navydata/fact_display.asp?cid=2100&tid=200&ct=2.

⁴¹ The New York Times. Retirado de <https://www.nytimes.com/interactive/2017/06/07/world/europe/anatomy-of-fake-news-russian-propaganda.html>.

⁴² Foreign Policy. Retirado de <https://foreignpolicy.com/2014/03/18/wheres-natos-strong-response-to-russias-invasion-of-crimea/>.

Os mecanismos de defesa da NATO foram, por várias vezes, testados ao limite pela Rússia. Um ano antes da intervenção na Crimeia, em 2013, 2 bombardeiros estratégicos Tu-22M3 Backfire, escoltados por 4 caças Su-27 Flanker simularam um ataque nuclear a duas bases militares suecas, num episódio onde as Forças Armadas Suecas foram apanhadas desprevenidas (Marshall, 2017). A fim de expulsar as aeronaves russas, a Suécia teve de pedir o auxílio das aeronaves F-16 da Força Aérea Dinamarquesa que operavam na região, integradas no Policiamento Aéreo dos Países Bálticos⁴³.

A resposta militar à ação russa foi cuidadosa e limitada, a fim de não despoletar reações adversas. Na NATO e nos países próximos da fronteira russa, as opções de defesa começaram a orientar-se para a cibersegurança e utilização das opções da guerra híbrida, tendo o conflito representado uma mudança na abordagem à guerra (Telo, Borges, & Lemos Pires, 2018).

⁴³ The Telegraph. Retirado de <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/russia/12139943/Russia-simulated-a-nuclear-strike-against-Sweden-Nato-admits.html>

CAPÍTULO 7

ANÁLISE DE RESULTADOS

7.1. Enquadramento

Neste capítulo pretende-se contrapor a informação recolhida ao longo da investigação com aquilo que foram os eventos no terreno, particularmente a nível da inserção do conflito na Crimeia num contexto de guerra híbrida. Serão indicados quais os fatores que mais influenciaram o sucesso russo (e, conseqüentemente, o fracasso ucraniano), bem como as novidades introduzidas nesses pontos, que permitem identificar a intervenção russa como uma guerra entre estados em muito diferente daquilo que costuma ser a ação convencional num conflito.

7.2. Fatores facilitadores e influenciadores do sucesso russo

Tal como foi descrito, os militares russos alcançaram os seus objetivos sem necessidade de recorrer ao uso explícito da força. Isto só foi possível devido ao uso extensivo da guerra da propaganda e instrumentos militares eficazes, materializada pela presença do apoio da população e forças especiais na revolta contra a presença militar ucraniana na península. Numa obra elaborada em conjunto com Viera Borges e Lemos Pires, Telo descreve de forma sucinta aquilo que foi a ação russa na Crimeia:

“(...) uma manobra essencialmente política em que, quando chegou o momento de usar a força, esta foi fulgurante e inesperada. A ciberguerra e a vigilância informática acompanharam todas as fases do processo, e o ciberataque paralisante marcou o começo do uso da força. Esta passou por uma ação fulgurante, preparada pela manobra política, pelos grupos militares que atuavam no interior e por uma ação diplomática à escala mundial. A força empenhada foi esmagadora na sua dimensão e surpreendente na forma, muito rápida e decidida, de modo a paralisar qualquer

de militares aquartelados na Crimeia, tendo ainda margem de manobra para inserir um quantitativo adicional de cerca de 13,000 homens na península. Isto permitiu numa fase inicial inserir forças especiais no território ucraniano, apoiadas pela 810ª Brigada Independente de Infantaria Naval (aquartelada em Sebastopol), sem fazer soar o alarme no Ocidente e na Ucrânia (Kofman, et al., 2017). É de salientar também a forte presença naval russa, que facilitou as operações de transporte de forças para a península. Um exemplo claro desta vantagem é o navio de transporte anfíbio que, a 27 de fevereiro, inseriu os primeiros 200 militares do KSO na Crimeia: O *Nikolai Filchenkov* fazia parte da 197ª Brigada de Navios de Desembarque, aquartelada em Sebastopol. De facto, até à data previamente indicada, os militares participantes na intervenção estavam todos integrados na Frota do Mar Negro. Não houve, portanto, necessidade de empenhar forças oriundas do território russo para operar na Crimeia, tendo em conta que os recursos humanos e materiais já existentes no local eram suficientes para cumprir os objetivos a curto-prazo dos russos. Havia, contudo, necessidade de reforçar o dispositivo para a ocupação subsequente do território.

O reforço de militares russo chegou sobre o disfarce de exercícios militares, permitindo deslocar para os territórios periféricos unidades bem treinadas e equipadas, em elevada prontidão de combate. Pese embora algumas das unidades tivessem efetivamente a ser testadas, uma pequena porção estava, de facto, a ser mobilizada para a invasão da Crimeia (Kofman, et al., 2017). Inseridas num dos maiores exercícios militares russos (cujo elevado número de participantes não era pouco usual) e sem a possibilidade da presença de observadores internacionais⁴⁴, tornou-se difícil perceber que esta era uma manobra de diversão para permitir o reforço e consolidação do dispositivo militar na Crimeia durante e após a invasão, servindo também o propósito de intimidar o governo ucraniano. No terreno, a *Maskirovka* foi aplicada com outros objetivos.

Os militares russos conseguiram, com sucesso, fazer-se passar por forças de autodefesa e elementos policiais (Rácz, 2015). Os elementos do VDV russo utilizaram, durante a invasão, uniformes da Berkut cedidos por ex-elementos desta unidade a fim de manter a ordem e paz pública na região (Lavrov, 2014). O emprego desta técnica poderá igualmente prender-se com a tentativa de manipulação da população que ofereceu maior resistência à ocupação russa, fazendo-os crer que estavam a obedecer a agentes da autoridade

⁴⁴ Os russos indicaram que as unidades que participavam nos exercícios estavam a efetuar treinos isolados e não em conjunto (permanecendo assim dentro dos limites de pessoal constantes na Convenção de Viena), dispensando assim a obrigação de convidar observadores internacionais (Reisinger & Golts, 2015).

ucraniana. Não obstante, as forças militares presentes conseguiram convencer a população de que não eram uma força hostil, ao mesmo tempo que ocultavam a sua verdadeira intenção (Kofman, et al., 2017). A “negação plausível”, fruto da aplicação extensiva da componente irregular, permitiu ao governo russo empregar a força militar na Crimeia sem desencadear uma ativação da cláusula de defesa coletiva do Tratado de Washington. Por várias vezes, Vladimir Putin negou a presença de militares na Crimeia⁴⁵, afirmação que era reforçada pelo silêncio e aparente apatia dos militares russos quando abordados. Num documentário denominado *Russian Roulette*, elaborado pela VICE News (2014a), os militares não identificados recusam-se a responder a questões do repórter, para além de não aparentarem interferir com o quotidiano da população civil. Aqui, a eficácia russa na coordenação das formas de coação (particularmente a política e militar) permitiu a implementação quase imediata das decisões nacionais por parte das forças militares (Kofman, et al., 2017). Mais ainda, a negação funcionou como um mecanismo de segurança, garantindo que a operação podia ser cancelada, na eventualidade de algo correr mal, desde que nenhuma ação política decisiva tivesse sido tomada (Rácz, 2015). Neste sentido, a Maskirovka cumpriu o seu propósito: A nível estratégico, ocultou a intenção russa de anexar a península, suscitando uma sensação de ambiguidade nas intenções e desorientação nos adversários; e a nível tático permitiu o desenvolvimento das ações sem contradizer a posição oficial da Rússia. Contudo, traduzir de forma eficaz a vontade política em ações no terreno exigia ferramentas de igual eficácia.

7.2.2. Organização e ação da força militar

A força que desempenhou as ações mais decisivas (como, por exemplo, a tomada do Parlamento da Crimeia) foi o KSO. Esta força consiste em militares profissionais e de elevada proficiência tática e técnica, tendo sido a ferramenta utilizada para pôr em prática a vontade do Kremlin, pois a sua disciplina garantia que o governo mantinha o controlo completo sobre as suas forças (Nikolsky, 2014). A título de exemplo, os operacionais do KSO foram capazes de operar com silêncio rádio completo antes da operação se iniciar,

⁴⁵ A 4 de março de 2014, o presidente russo chegou mesmo a afirmar que os uniformes verdes envergados pelos militares russos podiam ser comprados em qualquer loja militar (Reisinger & Golts, 2015). As caixas que continham uniformes (supostamente doados por entidades desconhecidas) para equipar as Forças de Autodefesa da Crimeia tinham, na realidade, inscrições cujo remetente era o Ministério da Defesa da Federação Russa (VICE News, 2014d),

contribuindo decisivamente para a criação do fator surpresa (Rácz, 2015). A escolha das forças especiais para liderar as fases mais críticas da operação poderá também estar relacionada com o controlo dos grupos armados e civis presentes no local que, não estando subordinados a nenhuma autoridade formal, podiam constituir um risco.

Uma das grandes vantagens da utilização deste tipo de forças consistia também na capacidade de mobilizar rapidamente os meios para diversos locais. Este fator deve-se não só à presença de meios capazes de efetuar o transporte de forças pela península (tal como referido anteriormente), como também devido ao equipamento ligeiro que estes militares utilizavam. Recorrendo a VBTP BTR-80, camiões de transporte de pessoal e viaturas GAZ Tigr, os militares foram capazes de isolar rapidamente as unidades pesadas ucranianas, sacrificando poder de fogo pela velocidade e ultrapassando a capacidade de tomada de decisão dos comandantes ucranianos (Kofman, et al., 2017). Não obstante, os russos tinham noção de que uma eventual reação por parte dos ucranianos poderia comprometer os ganhos. Tal como indicado no Capítulo 5, após uma consolidação inicial, o dispositivo foi reforçado com meios sofisticados de artilharia antiaérea e naval, dissuadindo qualquer tentativa de contra-ataque (nesta fase já tinha sido autorizada formalmente o uso de força militar russa na península).

7.3.3. Alvo de oportunidade

A Crimeia constituía-se como um alvo de oportunidade por vários motivos. Em primeiro lugar, a sua geografia tornava-o fácil de isolar (Kofman, et al., 2017), algo que os russos fizeram assim que colocaram unidades pesadas na região. Este isolamento impediu não o reforço dos militares ucranianos, bem como o corte de comunicações, já debilitadas devido às várias ações de ciberguerra russas. Em boa verdade, e tal como constatado no Capítulo 5, existia um fluxo de informação entre a Crimeia e a Ucrânia, mas este era controlado pela Rússia. Embora a perda de comando e controlo das unidades ucranianas na região tenha sido o principal motivo destas ações (Lavrov, 2014), pode-se também aferir que a incapacidade de comunicar com Kiev contribuiu para uma sensação de abandono por parte dos militares ucranianos (e população) e, conseqüentemente, a sujeição às imposições russas. O facto de a população na Crimeia ser maioritariamente pró-russa contribuiu também para uma melhor aceitação da presença militar russa na região. É também relativamente simples

constatar que o estado deteriorado das forças armadas ucranianas (cuja resistência à ocupação foi praticamente nula) facilitou em grande parte a ocupação russa. Não obstante, um dos fatores que mais contribuiu para a rápida conquista da península foi a ação da população e dos grupos armados.

Um dos grandes erros do governo interino ucraniano identificados por Kofman et al. (2017), Lavrov (2014) e Rácz (2015) foi precisamente a dissolução da unidade especial de polícia Berkut, dado que estes elementos viriam a auxiliar os russos na criação de milícias pró-russas, deixando a Ucrânia sem meios para fazer face a ações de contestação social violentas. Desta situação é possível também apurar que os grupos civis puderam atuar de forma impune na prática de atos criminosos que, se cometidos pelos militares russos, seriam considerados intoleráveis. Como exemplos podemos constatar a ação dos Cossacos em intimidar os militares ucranianos (USSOCOM, 2016), a criação de postos de controlo à saída de Sebastopol por parte dos Guardas Chetniks (VICE News, 2014c) e a utilização dos “Lobos da Noite” para vigiar as votações para o referendo da independência da Crimeia (VICE News, 2014d). Tendo constatado no Capítulo 5 que os militares russos estabeleceram coordenações com estes elementos, pode-se aferir que os grupos atuaram com o propósito de facilitar a ação russa, levando a cabo ações que de outra forma iriam retirar a legitimidade na intervenção e anexação referida por Vladimir Putin⁴⁶.

7.3.4. Guerra de informação

As ações russas no âmbito da guerra da informação prendiam-se essencialmente à manipulação de massas e desinformação. Sendo indissociável da Maskirovka, estas ações permitiram, numa fase inicial, incitar à revolta contra a autoridade legalmente instituída e, mais tarde, apoiar a anexação russa da Crimeia, passando a mensagem de que a presença russa era desejada (quando, na realidade, foi fabricada). Para tal, foi desenvolvida uma extensa operação de propaganda que visava essencialmente criar o apoio local e, mais tarde, legitimar uma intervenção militar. A guerra de informação travada na Ucrânia foi também ela facilitada por uma variedade de fatores, desde logo pela orientação política de Viktor

⁴⁶ A conquista do território foi vista pela Rússia como “a vontade do povo da Crimeia”, pese embora o referendo não tenha cumprido as normas internacionais: deu-se num curto espaço de tempo, com algumas pessoas a serem coagidas a votar por grupos organizados e sem qualquer supervisão internacional (Reisinger & Golts, 2015).

Yanukovich, cujas políticas pró-russas, tal como indicado no Capítulo 3 e Capítulo 4, debilitaram o país e incapacitaram as forças armadas e serviços de segurança. A determinado ponto, haviam tantas fugas de informação nos serviços secretos ucranianos que quando elementos das forças especiais ucranianas foram destacados para deter Yanukovich (que tinha fugido para a Crimeia), o ex-presidente foi informado da ação ainda a unidade de comandos não tinha saído de Kiev (Rácz, 2015). A eficácia russa na sua campanha de informações, aliada à inexistência de mecanismos ucranianos para reagir a estas ameaças resultou na capacidade russa de potenciar as suas ações com recurso a cinco elementos da propaganda, expostos na tabela seguinte:

Tabela 1 – Elementos da campanha de propaganda russa

ELEMENTO	EXPLICAÇÃO
Argumento <i>Ad nauseam</i>	Repetir os mesmos temas várias vezes
Informação desejada (Argumento <i>ad metum</i>)	Manipular mensagens que visam despertar os medos dos russos étnicos na Ucrânia
Agitação emocional	Recorrer a temas que despertem raiva nos russos étnicos
Clareza (falso dilema)	Apresentar o conflito em termos simples do “bom” e o “mau”.
Evidência lógica	Combinar mensagens de propaganda com mitos e lendas russos

Fonte: Adaptado de Darczewska, 2014

Estes elementos influenciaram em grande parte a ação da população em apoio às movimentações russas, permitindo utilizar a força militar de forma cirúrgica, recorrendo a meios essencialmente não-militares para atingir os objetivos a curto prazo. Pese embora a propaganda tenha tido algum impacto a nível internacional, a ação dos elementos russos e a ciberguerra tomaram a parte mais ativa na componente da informação, tendo em conta tudo o que foi descrito anteriormente (Kofman, et al., 2017). O sucesso russo neste âmbito residiu primariamente na ocultação da intenção política (deceção e negação) e consequente

materialização da vontade do governo russo no terreno. Nesta última componente, foi a ciberguerra que teve o papel de destaque, degradando a capacidade ucraniana de comando e controlo, utilizando os media para influenciar as populações e permitindo o controlo da informação na península.

CONCLUSÃO

Tendo em consideração toda a investigação desenvolvida, pretende-se neste capítulo responder às perguntas derivadas e, conseqüentemente, à pergunta de partida, pois as primeiras irão naturalmente concorrer para responder a esta última.

PD1: *“Que novidades encontramos no uso das forças especiais?”*

A aposta russa no desenvolvimento de forças especiais como o KSO permitiu ter à sua disposição um ativo de nível estratégico, cujo foco seriam as intervenções em território estrangeiro. Estas forças surgiram em complementaridade às restantes unidades classificadas como SPETSNAZ, cuja classificação se aproxima mais da de “infantaria de elite” do que de forças especiais. Embora esta tipologia de militares não represente uma novidade, a Rússia introduziu um novo modelo de aplicação tática das forças especiais:

Em primeiro lugar, o KSO foi empregue como a principal ferramenta de conquista de objetivos na Crimeia. As duas ações mais importantes deste grupo foram a conquista do parlamento na península (anulando a capacidade de resposta do governo local e cortando a ligação entre o poder regional em Sevastopol e o poder central em Kiev) e o cerco e consequente conquista de várias bases militares ucranianas na península. O cerco e conquista das bases militares teve o apoio de outras unidades SPETSNAZ, a fim de libertar o KSO para desempenhar ações de maior relevância..

A escala de utilização das forças especiais foi também inédita. Nas fases iniciais da intervenção, todos os “pequenos homens verdes” que apareciam junto das bases e nas ruas das cidades eram elementos do KSO ou SPETSNAZ. A presença de vários elementos foi feita com recurso ao argumento de que estes eram “forças de autodefesa” (deceção), com o propósito de legitimar uma ação militar russa e empregar forças convencionais. Na realidade, o papel destas últimas era apenas o de consolidação, dado que a conquista em si já tinha sido

feita pelas forças especiais. Desta forma, assim que houvesse uma justificação para a intervenção, a ocupação já era uma realidade e aos restantes elementos cabia-lhes apenas a tarefa de manter os ganhos e impedir um contra-ataque ucraniano. Quanto a outras operações de relevo, destaca-se a extração de Viktor Yanukovich do território ucraniano, cuja fuga foi alegadamente apoiada por elementos do KSO.

O terceiro fator prende-se com o controlo da escalada de violência, que só foi possível devido ao elevado treino e disciplina das forças especiais russas, materializado pelo controlo dos variados grupos civis e paramilitares presentes no terreno.

PD2: *“Qual a função dos grupos civis organizados e/ou armados no terreno?”*

Em apoio a todas as ações militares no terreno, estiveram presentes vários grupos civis (como os “Lobos da Noite”) e paramilitares (Guardas Chetniks; Batalhão Vostok e Cossacos). Estes auxiliaram na fabricação da legitimidade, criando a sensação de que a libertação do jugo ucraniano era uma necessidade e de que a intervenção militar russa era um imperativo. A ação de todos estes elementos não-militares permitiu a execução de determinadas atividades de índole criminosa (como a intimidação com recurso à violência física) sem haver a possibilidade de responsabilizar militares russos (estes puderam manter, desta forma, a sua conduta profissional e aparentemente pacífica). A existência de elementos civis misturados com elementos militares dificultava também a ação das forças militares ucranianas, que queriam evitar a todo o custo o uso da força contra civis, correndo conseqüentemente o risco de inflamar ainda mais os ânimos da população.

PD3: *“Que novidades encontramos na relação entre a manobra político/diplomática e a militar?”*

A manobra política foi feita em estrita coordenação com os militares no terreno. A capacidade de materializar a vontade política no terreno de forma quase imediata revelou-se impressionante. Com recurso à negação e decepção, o governo russo conseguiu manter a aparência internacional de um não-envolvimento na questão da Crimeia, ao mesmo tempo

que se preparava para anexar a península. Aqui, o controlo da escalada de violência por parte das forças especiais foi também essencial. A aplicação da força militar sobre a forma declarada só foi feita quando as condições políticas (criação da legitimidade) e militares (anulação da capacidade de resposta do dispositivo militar ucraniano) tinham sido moldadas, permitindo a rápida transição de uma operação clandestina para uma operação militar de larga escala. Desta forma, durante um longo período de tempo, a Rússia manteve uma abordagem essencialmente política à questão da Crimeia. O recurso à força foi feito apenas quando a legitimidade podia ser alegada, tendo sido executado de forma rápida e decisiva. Quando este foi feito, a Rússia rapidamente deslocou forças para a fronteira leste da Ucrânia, apresentando um conjunto de factos consumados de forma sucessiva, limitando o governo ucraniano a fazer escolhas que incluíam abdicar da sua soberania na Crimeia.

PP: *“A manobra russa na Crimeia permite identificar um novo padrão ou modelo para o século XXI?”*

O sucesso da operação russa na Crimeia resultou de um conjunto de fatores que se basearam maioritariamente na exploração das fraquezas ucranianas. Empregando uma variedade de meios de agressão em simultâneo, a Rússia foi capaz de atingir os seus objetivos políticos e militares num curto espaço de tempo, de forma praticamente impune, sem dar capacidade de reação a eventuais opositores. Mantendo a essência da sua atuação no patamar clandestino, apoiada por elementos civis e paramilitares, foi possível agir sem ativar mecanismos internacionais e de forma aparentemente legítima. A rapidez em implementar decisões permitiu anular uma resposta ucraniana e internacional, que não tinham um adversário identificado para abordar. Sobrava à Ucrânia, sem consenso governamental e com meios de poder coercivo (militares e polícia) ineficazes, esperar que a crise se resolvesse por ela própria.

Não obstante, a corrupção endémica e o estado decrépito das forças armadas resultantes do legado de Viktor Yanukovich facilitaram em muito a operação russa. A inexistência dos fatores facilitadores (nomeadamente a geografia e os erros ucranianos) que os russos potenciaram para desenvolver a sua ação, não existindo noutra local, impediriam (ou, no limite restringiam) certas ações. O resultado mais provável seria o prolongamento da presença russa na península sem efetivamente separar a Crimeia da Ucrânia, algo que

certamente traria dificuldades políticas e militares para a Rússia. Assim sendo, a manobra russa muito dificilmente poderia ser exportada para outra situação pois, tal como previamente discutido, existiram muitos fatores que moldaram a operação na Crimeia e tornaram o sucesso-relâmpago russo numa realidade. Neste sentido, a operação russa na Crimeia trouxe inovações quanto à aplicação da coação em múltiplas áreas, permitindo alcançar vários objetivos realizáveis a curto prazo, culminando na conquista de um território sem uma declaração formal de guerra.

O que aconteceu na Crimeia não se constitui na sua totalidade como um padrão ou modelo para as guerras entre estados do século XXI, mas a aplicação eficiente da ciberguerra, forças especiais e elementos da população, integradas numa manobra política, resultam na erosão da moral e vontade de combater de um estado, vencendo o adversário pelo desgaste sem o recurso direto da força.

Mais haveria para dizer quanto a este tema, mas as limitações a nível de tamanho e tempo condicionaram o estudo de outros elementos de interesse acrescido para o estudo. A guerra de informação efetuada na Crimeia, por exemplo, teve um impacto reduzido na operação militar em si, pese embora a forma como foi conduzida possa ser aplicada noutros teatros onde a mesma forma de atuação poderá levar a resultados mais visíveis. Outra grande dificuldade encontrada residiu na falta de informação relativa a certos detalhes da operação russa, cuja natureza clandestina os torna confidenciais e, portanto, impossíveis de aceder. Neste sentido, as informações expostas são fruto do cruzamento de dados de vários documentos, onde a opinião varia quanto a certos aspetos, tornando a descrição e estudo da operação russa uma tarefa desafiante.

BIBLIOGRAFIA

- Abts, J. (2015). NATO's very High Readiness Joint Task Force: Can the VJTF give new élan to the NATO Response Force. *NATO's Response to Hybrid Threats*, pp. 295-308.
- Babst, S. (2015). What Mid-Term Future for Putin's Russia? *NATO's Response to Hybrid Threats*, pp. 17-39.
- Barabanov, M. (2014). Changing the Force and Moving Forward After Georgia. Em C. Howard, & R. Phukov, *Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine*. Minneapolis: East View Press.
- BBC . (30 de novembro de 2013). *Ukraine protests after Yanukovich EU deal rejection*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-europe-25162563>
- BBC. (3 de abril de 2014). *Ukraine crisis: What we know about the Kiev snipers*. Obtido de BBC News: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26866069>
- Bruusgaard, K. V., & Andresen, R.-I. V. (2009). *Permanent readiness units in the Russian Armed Forces*. Kjeller: Norwegian Defence Research Establishment .
- Bukkvoll, T. (2016). *Russian Special Operations Forces in Crimea and Donbass*. Kjeller: Norwegian Defence Research Establishment.
- Calamur, K. (27 de Fevereiro de 2014). *Crimea: A Gift to Ukraine Becomes A Political Flash Point*. Obtido de National Public Radio: <https://www.npr.org/sections/parallels/2014/02/27/283481587/crimea-a-gift-to-ukraine-becomes-a-political-flash-point?t=1550533829986>
- Carafano, J. J. (2018). America's Joint Force and the Domains of Warfare. Em D. L. Wood, *2018 Index of U.S. Military Strength* (p. 23). Washington, DC: The Heritage Foundation.

- Chivvis, C. S. (2017). *Understanding Russian "Hybrid Warfare" And What Can Be Done About It*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Cordesman, A. H. (2014). *Russia and the "Color Revolution": A Russian Military View of a World Destabilized by the US and the West*. Washington, D.C. : Center For Strategic & International Studies .
- Darczewska, J. (2014). *The Anatomy of Russian Information Warfare: The Crimean Operation, a Case Study*. Warsaw: Centre for Eastern Studies.
- Defense Intelligence Agency. (2017). *Russia Military Power*. Washington, D.C.: Defense Intelligence Agency.
- Drent, M., Van Ham, P., & Homan, K. (2014). *Article 5 revisited - Is NATO up to it?* Den Haag: Clingendael Institute.
- Ducaru, S. D. (2016). The Cyber Dimension of Modern Warfare and its Relevance for NATO. *Europolity - Continuity and Change in European Governance*, pp. 7-23.
- Encyclopedia Britannica. (s.d.). *Ukraine - The famine of 1932-33*. Obtido de Encyclopedia Britannica: <https://www.britannica.com/place/Ukraine/The-famine-of-1932-33>
- Euronews. (20 de fevereiro de 2014). *Sniper fire brings disturbing new dimension to Ukraine violence*. Obtido de Euronews: <https://www.euronews.com/2014/02/20/sniper-fire-brings-disturbing-new-dimension-to-ukraine-violence>
- European Union External Action. (11 de novembro de 2011). Obtido de European Union External Action: http://eeas.europa.eu/archives/docs/association/docs/agreements_en.pdf
- Felgenhauer, T. (1999). *Ukraine, Russia, and the Black Sea Fleet Accords*. Fort Belvoir: Defense Technical Information Center.
- Fernandes, H. (2016). As Novas Guerras: O Desafio da Guerra Híbrida. *Revista de Ciências Militares*, 13-40.
- Fortin, M.-F. (2003). *O processo de investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência.

- Founding Member States*. (s.d.). Obtido de United Nations:
<http://www.un.org/depts/dhl/unms/founders.shtml>
- Fox, A. C. (2017). *Hybrid Warfare: The 21st Century Russian Way of Warfare*. Fort Leavenworth: U.S. Army Command and General Staff College .
- Freixo, M. (2009). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Garthoff, R. L. (1953). *Soviet Military Doctrine*. Washington, D.C. : The Free Press.
- Gorbachev, M. (2000). *On My Country And The World*. New York: Columbia University Press.
- Harris, C., & Kagan, F. W. (2018). *Russia's Military Posture: Ground Forces Order of Battle*. Washington, D.C. : Institute for the Study of War and the Critical Threats Project.
- Hoffman, F. (2007). *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies.
- Huovinen, P. (2011). *Hybrid Warfare - Just a Twist of Compound Warfare?* Helsinki: National Defence University.
- Iasiello, E. J. (2017). *Russia's Improved Information Operations: From Georgia to Crimea* . Carlisle: Strategic Studies Institute: .
- International Institute of Strategic Studies. (2017). *The Military Balance* . London: International Institute of Strategic Studies.
- John Hopkins Applied Physics Laboratory. (2016). *"Little Green Men": Modern Russian Unconventional Warfare, Ukraine 2013-2014*. Fort Bragg: United States Army Special Operations Command .
- Kashin, V. (2014). Khrushchev's Gift: The Questionable Ownership of Crimea. Em C. Howard, & R. Phukov, *Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine*. Minneapolis: East View Press.
- Kashin, V., Denisentsev, S., Lavrov, A., Nikolsky, A., Barabanov, M., Boltenev, D., & Tseluyko, V. (2014). *Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine*. Minneapolis: East View Press.

- Katchanovski, I. (24 de Março de 2015). *Crimea: People and Territory before and after Annexation*. Obtido de E-International Relations: <https://www.e-ir.info/2015/03/24/crimea-people-and-territory-before-and-after-annexation/>
- Kilinskas, K. (dezembro de 2016). Hybrid Warfare: an Orientating or Misleading Concept in Analysing Russia's Military Actions in Ukraine . *Lithuanian Annual Strategic Review* , pp. 139-158.
- Kofman, M., & Golts, A. (2016). *Russia's Military: Assessment, Strategy, and Threat*. Washington, D.C. : Center On Global Interests.
- Kofman, M., Migacheva, K., Nichiporuk, B., Radin, A., Tkacheva, P., & Oberholtzer, J. (2017). *Lessons from Russia's Operations in Crimea and Eastern Ukraine*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Kosnik, M. (2016). Russia's Military Reform: Putin's Last Card. *Journal of Military and Strategic Studies*, pp. 144-161.
- Kristensen, H. M., & Norris, R. S. (novembro de 2018). *Status of World Nuclear Forces*. Obtido de Federation of American Scientists: <https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/>
- Krueger, D. (1987). *Maskirovka - What's in it for Us?* Fort Leavenworth: School of Advanced Military Studies - U.S. Army Command and General Staff College.
- Kulesa, Ł. (2016). *Towards a New Equilibrium: Minimising the risks of NATO and Russia's new military postures*. London: European Leadership Network.
- Lavrov, A. (2014). Russian Again: The Military Operation for Crimea. Em C. Howard, & R. Phukov, *Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine*. Minneapolis: East View Press.
- Lavrov, A., & Nikolsky, A. (2014). Neglect and Rot: Degradation of Ukraine's Military in the Interim Period. Em C. Howard, & R. Pukhov, *Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine*. Minneapolis: East View Press.
- Limnell, J. (2015). The Exploitation of Cyber Domain as Part of Warfare: Russo-Ukrainian War. *International Journal of Cyber-Security and Digital Forensics*, pp. 521-532.
- Magocsi, P. R. (1996). *A History of Ukraine*. Toronto: University of Toronto Press.

- Marat, E. (24 de janeiro de 2014). *Ukraine's Public Enemy Number One: The Police*.
 Obtido de Foreign Policy: <https://foreignpolicy.com/2014/01/24/ukraines-public-enemy-number-one-the-police/>
- Marsh, C. (2017). *Developments in Russian Special Operations: Russia's Spetsnaz, SOF and Special Operations Forces Command*. Ottawa: Canadian Special Operations Forces Command.
- Marshall, T. (2017). *Prisioneiros da Geografia*. Porto Salvo: Saída de Emergência.
- McDermott, R. N. (2015). *Brothers Disunited: Russia's Use of Military Power in Ukraine*. Fort Leavenworth: Foreign Military Studies Office.
- Mendes Dias, C. M., & Dias Sequeira, J. M. (2015). *Estratégia - Fundamentos Teóricos - Tomo I*. Letras Itinerantes.
- Mendes Dias, C. M., & Dias Sequeira, J. M. (2017). *Estratégia - Fundamentos Teóricos - Tomo II*. Letras Itinerantes.
- Mendes Martins, L. J., & Beja Eugénio, A. L. (junho de 2015). Análise Geopolítica e Geoestratégica da Ucrânia. *Cadernos do IESM*.
- Merriam-Webster Online Dictionary. (s.d.). *Scorched-earth*. Obtido de Merriam-Webster Online Dictionary: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/scorched-earth>
- Miller, D., & Hine, J. (1990). *Soviet Carriers in the Turkish Straits*. Newport: Naval War College.
- Nair, K. K. (2008). *Space: The Frontiers of Modern Defence*. New Delhi: Knowledge World International.
- NATO. (2010). *Bi-SC Input to a New NATO Capstone Concept for the Military Contribution to Countering Hybrid Threats*. Belgium: NATO.
- New Standard Encyclopedia*. (1997). Chicago: Ferguson Publishing Company.
- Nikolsky, A. (2014). Little, Green and Polite: The Creation of Russian Special Operations Forces. Em C. Howard, & R. Phukov, *Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine*. Minneapolis: East View Press.
- Oliker, O., McNerney, M. J., & Davis, L. E. (2015). *NATO Needs a Comprehensive Strategy for Russia*. Santa Monica: RAND Corporation.

- Otaiku, A. A. (2018). A Framework for Hybrid Warfare: Threats, Challenges and Solutions. *Journal of Defense Management*, pp. 1-13.
- Popescu, N. (2015). *Hybrid tactics: neither new nor only Russian*. Paris: European Union Institute for Security Studies.
- Poshedin, O., & Chulaievskia, M. (2017). European Integration of Ukraine: Tool for Internal Reform, Source of Problems or Pass Ticket to EU Membership? *Romanian Journal Of European Affairs*, 100-120.
- Rácz, A. (2015). *Russia's Hybrid War in Ukraine*. Helsinki: Finnish Institute of International Affairs.
- Reisinger, H., & Golts, A. (2015). NATO's Response to Hybrid Threats. *Russia's Hybrid Warfare: Waging War below the Radar of Traditional Collective Defence*, pp. 113-136.
- Republic of Turkey Ministry of Foreign Affairs. (s.d.). *Implementation of the Montreux Convention*. Obtido de Republic of Turkey Ministry of Foreign Affairs: <http://www.mfa.gov.tr/implementation-of-the-montreux-convention.en.mfa>
- Rodrigues, A. R. (2016). As guerras híbridas e a parceria NATO/UE. *Jornal de Defesa e Relações Internacionais*.
- Ruiz Palmer, D. A. (2015). Back to the Future? Russia's Hybrid Warfare, Revolutions in Military Affairs, and Cold War Comparisons . *NATO's Response to Hybrid Threats*, pp. 49-71.
- Sharples, J., & Judge, A. (2014). *Russia gas supplies to Europe: the likelihood and potential impact of an interruption of gas transit via Ukraine*. Brussels: The European Geopolitical Forum.
- Sinovets, P., & Renz, B. (2015). Russia's 2014 Military Doctrine and Beyond: Threat Perceptions, Capabilities and Ambitions. *NATO's Response to Hybrid Threats*, pp. 73-91.
- Smith, B. (2018). *Russian intelligence services and special forces*. London: House of Commons Library.

- Telo, A. J., Borges, J. V., & Lemos Pires, N. (2018). *Dar uma Razão à Força e uma Força à Razão*. Nexo Literário: Alcochete.
- Tenenbaum, É. (2015). Hybrid Warfare in the Strategic Spectrum: An Historical Assessment. *NATO's Response to Hybrid Threats*, pp. 95-112.
- United States Army. (2010). *Training Circular 7-100: Hybrid Threat*. Washington, DC: Headquarters, Department of the Army.
- United States Army Special Operations Command. (2016). *"Little Green Men": A Primer On Modern Russian Unconventional Warfare, Ukraine 2013-2014*. Fort Bragg: United States Army Special Operations Command.
- United States Army Training And Doctrine Command. (2017). *Multi-Domain Battle: Evolution of Combined Arms for the 21st Century*. Fort Eustis: TRADOC.
- United States Joint Staff Joint Force Development - Future Joint Force Development. (2016). *Cross-Domain Synergy in Joint Operations: Planner's Guide*. Washington, DC: Joint Chiefs of Staff.
- United States Senate. (1975). *An Interim Report of the Select Committee to Study Governmental Operations with respect to Intelligence Activities - Alleged Assassination Plots Involving Foreign Leaders*. Washington, D.C. : U.S. Government Printing Office .
- Unwala, A., & Ghori, S. (2015). Brandishing the Cybered Bear: Information War and the Russia-Ukraine Conflict. *Military Cyber Affairs*, pp. 1-11.
- Vego, M. N. (2009). *Joint Operational Warfare: Theory and Practice*. Washington, DC: United States Department of the Navy.
- VICE News. (2014). Russia's Little Green Men Enter Ukraine: Russian Roulette in Ukraine.
- Walker, S. (11 de dezembro de 2013). *Ukraine protests: outrage as police attack Kiev barricades*. Obtido de The Guardian:
<https://www.theguardian.com/world/2013/dec/11/kyiv-protests-police-barricades-chainsaws>

- Walker, S. (18 de dezembro de 2013). *Vladimir Putin offers Ukraine financial incentives to stick with Russia*. Obtido de The Guardian:
<https://www.theguardian.com/world/2013/dec/17/ukraine-russia-leaders-talks-kremlin-loan-deal>
- Wood, E. A., Pomeranz, W. E., Merry, E. W., & Trudolyubov, M. (2015). *Roots of Russia's War in Ukraine*. Washington, D.C.: Woodrow Wilson Center Press with Columbia University Press.
- VICE News (2014a). *Russia's Little Green Men Enter Ukraine: Russian Roulette in Ukraine* [Ficheiro de vídeo]. Retirado de
<https://www.youtube.com/watch?v=TNKsLIK52ss>
- VICE News (2014b). *Ukrainian Troops Speak Out: Russian Roulette in Ukraine* [Ficheiro de vídeo]. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=GH3HGvZlhhk>
- VICE News (2014c). *Serbian War Veterans Operating in Crimea: Russian Roulette in Ukraine* [Ficheiro de vídeo]. Retirado de
<https://www.youtube.com/watch?v=pFILN9E2kcY>
- VICE News (2014d). *Meet the Crimeans Who Voted to Join Russia: Russian Roulette in Ukraine* [Ficheiro de vídeo]. Retirado de
https://www.youtube.com/watch?v=L1v_lu6qcyk

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A – PRINCIPAIS OPERAÇÕES RUSSAS NA CRIMEIA ENTRE 24 DE FEVEREIRO E 9 DE MARÇO



Fonte: Kofman, et al. (2017, p. 7)

APÊNDICE A – CRONOLOGIA DOS EVENTOS NA CRIMEIA

A seguinte cronologia diz respeito aos principais eventos políticos e militares relevantes para a anexação da Crimeia, no período compreendido entre 18 de fevereiro e 25 de março de 2014. Para efeitos de interpretação, os eventos políticos encontram-se separados dos eventos militares, sendo apresentados em primeiro lugar sempre que uma data registou situações de ambas as categorias.

FEVEREIRO

18-20: Conversações com a oposição fracassam. Início de confrontos violentos na capital Ucrainiana, Kiev. O Ministro do Interior Ucrainiano autoriza o emprego do último nível de força contra os manifestantes. Cerca de 90 mortos contabilizados e 300 desaparecidos, entre polícias e revoltosos ^[2].

20: Parlamento Ucrainiano ordena um cessar-fogo no final do dia, em Kiev. UE sanciona Viktor Yanukovych e outras entidades políticas responsáveis pelo escalar da violência ^[2].

- Unidades militares Russas e Ucrainianas são colocadas em alerta máximo ^{[2][3]}.

21: Um acordo mediado pela Rússia (que se recusou a assinar), França, Alemanha e Polónia que estipulava a marcação de eleições antecipadas e o regresso à Constituição de 2004 é assinado por Yanukovych e a oposição. Yanukovych e um elevado número de políticos do seu governo fogem para a Rússia ^[2].

22: Parlamento Ucrainiano vota remover Viktor Yanukovych de funções, com o apoio internacional dos Estados Unidos e da UE. Aleksandr Tuchinov nomeado porta-voz do Parlamento. Ioulia Tymochenko é libertada da prisão ^{[2][3]}.

- Militares integrados em Batalhões de SPETSNAZ e VDV⁴⁷ (páraquedistas) saem das bases, enquanto outros são aerotransportados para o Estreito de Perekop^[2].

23: Parlamento Ucrainiano nomeia Aleksandr Turchinov como presidente interino e marca eleições para 25 de maio. Início de protestos pró-russos em Sebastopol, apoiados por elementos russos ^{[1][2][3]}.

- Infantaria Naval Russa executa reconhecimento no Istmo de Perekop ^[3].

24: Câmara Municipal de Sebastopol elege um cidadão russo, Aleksei Chaly, como prefeito. Emitido um mandato de captura em nome de Viktor Yanukovich ^{[1][2]}.

25: Milhares de manifestantes pró-russos juntam-se em Sebastopol para protestar em favor de uma maior autonomia e uma aproximação à Rússia ^[2].

- Militares da 810ª Brigada de Infantaria Naval da Marinha Russa chegam à praça principal da cidade da capital da Crimeia em VBTP, num claro sinal de intervenção militar na península ^[2].
- O *Nikolai Filchenkov*, um navio de transporte anfíbio da classe Alligator transporta 200 elementos de forças especiais russas (provavelmente KSO⁴⁸) para o porto de Sebastopol. Esta unidade viria a executar operações na Crimeia, e acredita-se ter sido responsável pela extração de Yanukovich da Ucrânia ^{[1][2]}.

26: Confrontos entre Tártaros da Crimeia (apoiantes de Kiev) e ativistas pró-russos ^[1].

- Vladimir Putin ordena exercícios militares de 150,000 homens pertencentes ao Distrito Militar Ocidental e Distrito Militar Central na fronteira com a Ucrânia, a fim de movimentar forças do VDV e SPETSNAZ do norte da Rússia para Anapa, a leste da Crimeia. Unidades militares russas e ucranianas são colocadas em estado de prontidão máximo ^{[1][2]}.

27: Parlamento Ucrainiano elege Arseniy Yatsenyuk como primeiro-ministro ^[2].

- Marinha Russa inicia um bloqueio naval às bases navais ucranianas ^[3]. Os “homens bem-educados” ou os “pequenos homens verdes”⁴⁹ em conjunto com 50 elementos

⁴⁷ *Vozdushno-desantnye Voyska*, acrónimo para Forças Aerotransportadas

⁴⁸ *Komandovanie sil Spetsial'nalnykh Operatsii*, acrónimo para Comando de Forças de Operações Especiais.

⁴⁹ Nome dado aos militares russos sem insígnias que operavam na Crimeia.

do KSO disfarçados de milícias locais capturam o Parlamento da Crimeia e hasteiam a bandeira russa no edifício. Um navio de desembarque com 300 militares russos cumpre procedimentos para entrada na fronteira mas não notifica autoridades ucranianas após avanço. Infraestruturas estratégicas na Crimeia são ocupadas por forças russas. Alguns militares e agentes das forças de segurança ucranianas na Crimeia desertam para o lado russo. Base Aérea de Belbek é cercada por militares russos sem identificação ^[2].

28: Viktor Yanukovich surge na Rússia, dias após ter fugido da Ucrânia. Kiev acusa Moscovo de invasão ^[1].

- Militares não identificados capturam aeroportos e passagens fronteiriças na Crimeia. 3 helicópteros de transporte Mi-8 e 8 helicópteros de ataque Mi-35 atravessam a fronteira ucraniana sem autorização, dando à Rússia a capacidade de neutralizar viaturas blindadas e de operar em condições de visibilidade reduzida; Ucranianos respondem com o empenho de caças, mas os helicópteros Mi-35 já operavam livremente em operações de CAS⁵⁰. Aeroporto de Simferopol é conquistado. Aeronaves IL-76 transportam mais militares do VDV para a Crimeia ^{[1][2][3]}.

MARCO

1: Conselho da Federação Russa aprova com unanimidade o pedido de Vladimir Putin para o uso da força na Ucrânia ^[1].

- A 10ª Brigada Independente SPETSNAZ chega a Simferopol. Várias unidades militares ucranianas são cercadas por militares russos, incluindo a Base Naval de Feodosia, que é bloqueada por um navio de guerra russo. Base aérea de Kirovske é capturada. O porto no Estreito de Kerch é ocupado pelos russos. A Guarda Costeira, Serviço de Fronteiras e Patrulha Naval (o equivalente à Polícia Marítima) abandonam a Crimeia. Viaturas blindadas russas chegam a Armyansk, no norte da Crimeia e preparam posições defensivas, orientadas para a Ucrânia ^{[1][2][3]}.

2: Quartel-general Regional do Serviço de Fronteiras é atacado. Contra-Almirante Denis Berezovsky deserta e jura fidelidade ao novo governo da Crimeia ^[1].

3. Base Aérea de Dzhankoy é conquistada por militares russos ^[2].

⁵⁰ *Close Air Support* (Apoio Aéreo Próximo).

4: Putin declara publicamente que não existe a necessidade de empregar forças militares russas na Ucrânia, realçando contudo que esta opção é uma possibilidade. O autoproclamado governo da Crimeia emite um ultimato às tropas ucranianas cercadas ^[1].

5: Negada a entrada a inspetores da OSCE na fronteira da Ucrânia ^[3].

- Marinha Russa bloqueia a Marinha Ucraniana em Novoozerne. Unidades da 3^a, 10^a, 16^a e 22^a Brigadas Independentes SPETSNAZ, o 25^a Regimento Independente SPETSNAZ, o 45^o Regimento Independente VDV SPETSNAZ, parte da 31^a Brigada Independente VDV de Assalto Aéreo e uma pequena força de operações especiais junta-se à 810^a Brigada de Infantaria Naval, reforçando o dispositivo militar russo presente na Crimeia ^{[1][3]}.

6: Canais televisivos ucranianos são cortados e as ligações à internet são interrompidas na Crimeia. O Parlamento da Crimeia vota (à porta fechada e com alguns ministros a ser-lhes negada a autorização de participar) na secessão da Ucrânia e inicia processo para se tornar parte integrante da Rússia. Rússia inicia preparações para anexar a Crimeia. Os EUA anunciam sanções a indivíduos responsáveis pela violação da soberania e integridade territorial da Ucrânia ^[2].

- Marinheiros russos afundam o *Ochakov*, um cruzador da classe Kara no canal que liga o Lago Donuzlav ao Mar Negro, impedindo os navios da Marinha Ucraniana de abandonar a região. Forças militares russas começam a agrupar-se no Estreito de Kerch, com o 727^a Batalhão Independente de Infantaria Naval e a 18^a Brigada Mecanizada Independente a dirigirem-se para a Crimeia ^{[1][2]}.

7: Kiev expressa vontade de negociar com a Rússia, mas sob a condição destes retirarem as suas tropas da Crimeia ^[1].

8: Início da ocupação de locais de importância acrescida na Crimeia por forças militares russas ^[3].

11: Crimeia declara independência da Ucrânia ^{[1][2][3]}.

12: A 18^a Brigada Mecanizada Independente entra na Crimeia ^[1].

13: Primeiro comboio que transporta equipamento militar russo chega à Crimeia ^[1].

14: A 219ª Brigada de Artilharia Russa chega à Crimeia ^[1].

15: A Rússia vota a Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas para a Ucrânia ^[2].

- Militares Russos ocupam um centro de distribuição de gás natural perto de Strilkove. A Rússia movimenta SAM S-300PS para a Crimeia ^{[2][3]}.

16: Residentes da Crimeia votam tornar-se parte integrante da Federação Russa, num referendo sem observação independente e sob a ameaça dos “homens verdes” e milícias ^{[1][2]}.

17: Resultados do referendo favorecem a Rússia a 97%. Vladimir Putin reconhece a Crimeia como estado soberano. Estados Unidos e UE sancionam a Rússia ^{[1][2]}.

18: Vladimir Putin e responsáveis do governo da Crimeia assinam o tratado de “reunificação da Crimeia com a Rússia”. O Ministro da Defesa ucraniano autoriza o uso de força letal pelos militares ucranianos em caso de autodefesa ^{[1][2]}.

- Um militar ucraniano é morto e outro é ferido durante confrontos enquanto forças russas e milícias pró-russas assaltam uma base militar em Simferopol ^[2].

19: Conselho de Segurança Nacional da Ucrânia anuncia a evacuação dos 25,000 militares ucranianos presentes na Crimeia ^[2].

- Quartel-general da Marinha Ucraniana em Sebastopol é conquistada por milícias da Crimeia e militares russos. Militares ucranianos abandonam a base naval ^[2].

20: Putin assina o Decreto nº164, garantindo ao pessoal militar ucraniano que o seu posto militar, credenciais académicas e tempo de serviço seriam salvaguardadas caso estes trocassem de lado. UE e Estados Unidos expandem sanções à Rússia ^{[1][2]}.

21: Vladimir Putin promulga lei admitindo formalmente a Crimeia à Federação Russa ^{[2][3]}.

22: OSCE inicia uma missão de monitorização do conflito na Ucrânia ^[2].

- Forças militares russas, apoiadas por milícias armadas, capturam a Base Aérea de Belbek num assalto que fere um oficial do Exército Ucrainiano. Na componente naval, dos 67 navios ucranianos, 54 hasteiam a bandeira da Marinha Russa ^{[1][2]}.

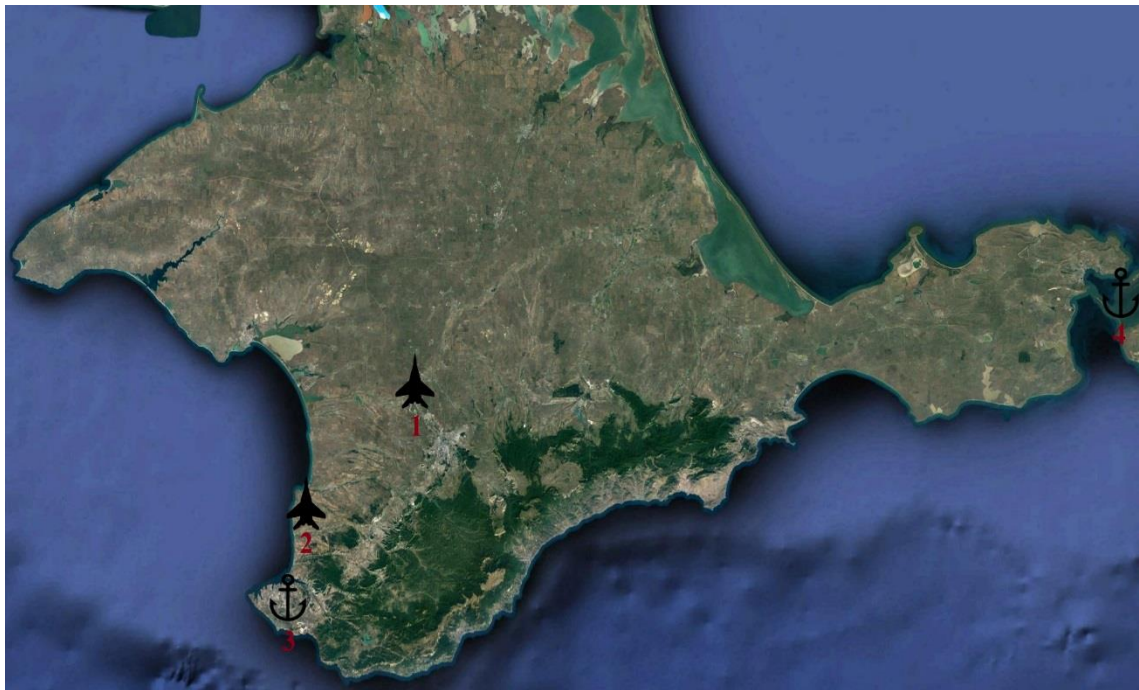
24: Governo da Ucrânia ordena a retirada completa das suas forças militares da Crimeia ^{[2][3]}.

- Forças de operações especiais russas assaltam a base do 1º Regimento de Infantaria Naval Ucraniana, em Teodósia, num confronto que terminou com dois feridos e 50 capturados do lado ucraniano ^{[1][2]}.

25: O draga-minas *Cherkassy*, última unidade militar que hasteia a bandeira da Ucrânia, é assaltado. A Rússia assume o controlo militar completo da Crimeia ^[1].

Nota: ¹Brothers Armed: Military Aspects of the Crisis in Ukraine; ²Lesson's from Russia's Operations in Crimea and Eastern Ukraine; ³"Little Green Men": A Primer on Modern Russian Unconventional Warfare, Ukraine 2013-2014.

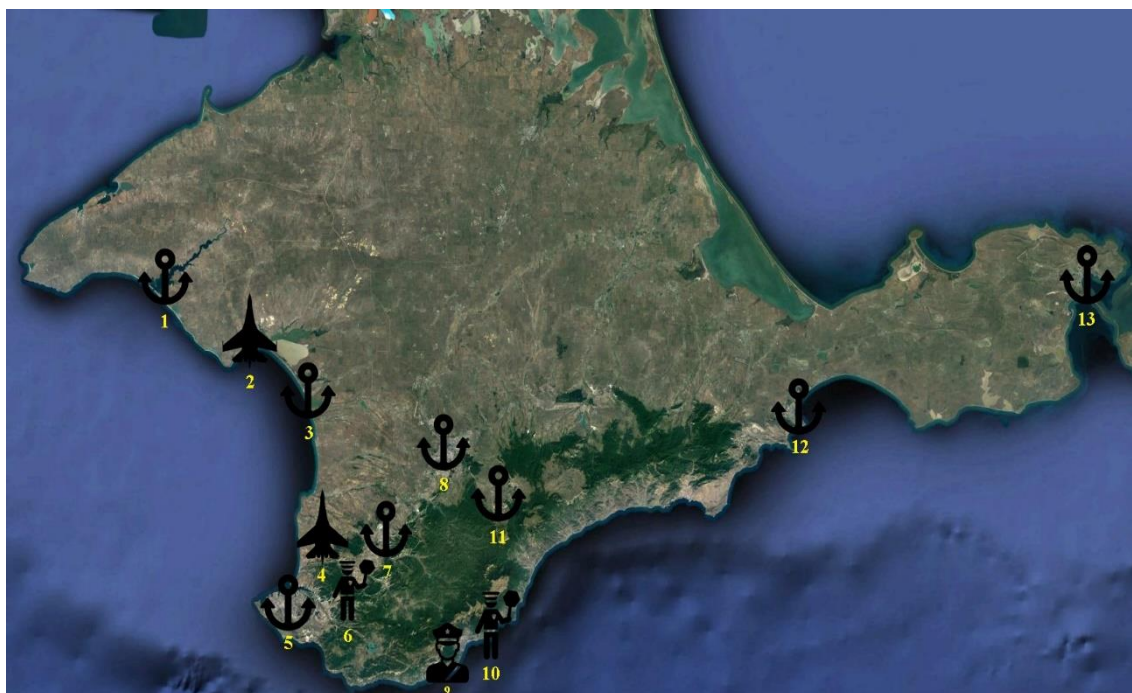
APÊNDICE B – DISPOSITIVO MILITAR RUSSO NA CRIMEIA



Nº	LOCALIZAÇÃO	UNIDADE
1	7057ª Base Aérea (Base Aérea de Gvardeyskoye [1] e Base Aérea de Kacha[2])	43º Regimento Independente de Aviação Naval de Ataque;
2		25º Regimento Independente de Guerra Antissubmarina; 917º Regimento de Aviação de Transporte;
3	Base Naval de Sebastopol	Quartel-General da Frota do Mar Negro; 11ª Brigada de Navios Antissubmarinos; 197ª Brigada de Navios de Desembarque; 68ª Brigada de Proteção de Área; 41ª Brigada de Navios Lança-mísseis; 810ª Brigada de Infantaria Naval;
4	Guarnição de Taman	

Fonte: Adaptado de Kofman, et al. (2017); Lavrov, 2014

**APÊNDICE C – DISPOSITIVO MILITAR UCRÂNIANO NA
CRIMEIA: BASES NAVAIS E DA GUARDA DE FRONTEIRA**



Nº	LOCALIZAÇÃO	UNIDADE
1	Base Naval Sul Donuzlav	5ª Brigada de Navios de Superfície; 8º Batalhão Independente de Navios de Apoio.
2	Yevpatoriya	55º Regimento de Artilharia Antiaérea (Misséis); 15º Batalhão Independente de Forças Internas.
3	Base Aeronaval de Novofedorivka	10ª Brigada de Aviação Naval Saki
4	Base Aérea de Belbek	204ª Brigada de Aviação Tática
5	Base Naval de Sebastopol	Quartel-General da Marinha Ucraniana; 1ª Brigada de Navios de Superfície; 18º Batalhão Independente de Navios de Apoio; 28º Batalhão Independente de Busca e Salvamento; 56º Batalhão Independente da Guarda; 25º Batalhão Independente de Misseis de Defesa Costeira; 85º Batalhão Independente de Misseis de Defesa Costeira; 37º Regimento Independente de Comando e Comunicações;

		Depósito de Munições de Inkerman; Centro de Reparação de Helicópteros da Marinha; 175º Regimento de Artilharia Antiaérea (Misséis); 40ª Brigada Independente Radiotécnica; 42º Regimento Independente de Forças Internas; Destacamento da Guarda de Fronteira.
6	Balaclava	5ª Esquadra da Guarda Costeira
7	Base Naval de Bakhchisary	222º Batalhão Independente de Transportes
8	Simferopol	406º Grupo de Brigada Independente de Artilharia; Hospital Militar; Depósito de Combustível Militar; 9ª Brigada Independente de Forças Interiores.
9	Gaspra	18º Batalhão Motorizado Independente de Polícia.
10	Ialta	10º Batalhão Móvel “Dozor” SPETSNAZ da Guarda de Fronteira.
11	Base de Perevalne	36ª Brigada Mecanizada Independente de Defesa Costeira
12	Teodósia	1º Batalhão Independente de Infantaria Naval; 50º Regimento de Artilharia Antiaérea (Misseis); 47º Regimento Independente de Forças Internas.
13	Kerch	501º Batalhão Independente de Infantaria Naval; Esquadra da Guarda Costeira.

Fonte: Adaptado de Kofman, et al. (2017); Lavrov, 2014